

# CAOS

PORTÁTIL

UM ALMANAQUE DE CONTOS



ISSN 1808-3080

# CAOS

PORTÁTIL

UM ALMANAQUE DE CONTOS

MARCA

Fruição do Caos nas dobras de espelhos estilhaçados 5

Natércia Pontes ERA VÂNIA 6 / Artur Eduardo  
Beñevides DEPOIMENTO SIGILOSO 10 / Luciano  
Bonfim ACONTECIMENTO 13 / Ray Silveira  
DEPLORÁVEL VÊU 14 / Carmélia Aragão  
CRÔNICA DO SEGUNDO ANDAR 17 / Carlos  
d'Alge TANGO 19 / Onias Lopes MEU CÁLICE  
TRANSBORDA 22 / Airton Monte PAISAGEM  
PASSAGEIRA 24 / Pedro Salgueiro NA PRAÇA 27 /  
Ayla Andrade PEQUENO TRECHO DA VIDA DE  
SARAH GUELLO 29 / Possidônio Cachapa AS  
FLORES, VISTAS DE BAIXO 31 / Virna Teixeira  
ORKNEY 35 / Jorge Pieiro ERA UMA... 36 / Vânia  
Vasconcelos ARCO-ÍRIS 38 / Barros Pinho TOCAIA  
NO ENGENHO DA BAIXA GRANDE 40 /  
Raymundo Netto ODE AO AMOR E À MORTE 44  
/ Dimas Carvalho ALGURES, ENTREMENTES 46  
/ Majela Colares NA ESTRADA DOS COMBOIOS  
48 / Joana d'Arc Araújo O ESPLÊNDIDO CRIME  
DE GENETRIZ 50 / Lustosa da Costa A MÁQUINA  
DE COSTURA 53 / Luís Marcus da Silva  
INICIAÇÃO 56 / Nilze Costa e Silva NESTE  
QUARTO A SOLIDÃO 58 / Fernando Siqueira  
BIVERÔ 60 / Urik Paiva NABOKOV IN  
BACKWOODS 64 / Paulo de Tarso Pardal TRÊS  
NOTÍCIAS DE JORNAL 66 / Batista de Lima  
QUITÉRIA 68 / Paulo Avelino O PRÍNCIPE DE  
CHAPÉU DE PALHA 70 / Leo Mackellene A  
ESTRADA INFINITA 72 / Rouxinol do Rinaré  
ÁGUA FRIA NA FERVURA 74

Nas dobras do espelho 76

*Anterizo Soares Fortes e  
a reproduzir este  
Caos Portátil no  
seu Jornal de  
Poesia*

**CAOS** PORTATIL  
UM ALMANAQUE  
DE CONTOS



**CAOS**PORTÁTIL  
UM ALMANAQUE  
DE CONTOS

**JorgePieiro**  
**PedroSalgueiro**

Editores

**GeraldoJesuino**  
**JorgePieiro**  
**NiltoMaciel**  
**PedroHenriqueSaraivaLeão**  
**PedroSalgueiro**  
**RaymundoNetto**

Comite Editorial

Arranjo Visual

**GeraldoJesuino**

Composição 1

Na Capa

**RaulCorrêa**

**JorgePieiro**  
**PedroSalgueiro**

Revisão

Voluntaria do Caos

**JanailmadoValeVeras**

Rua Coronel Jucá, 1000/1101  
Meireles Fortaleza CE  
60170-320

Correspondências

[panaplo@ig.com.br](mailto:panaplo@ig.com.br)

**Pouchain Ramos**  
GRÁFICA & EDITORA  
Liderança impressa no mercado!

Impressão

elaborada pela bibliotecária  
Perpétua Socorro Tavares Guimarães  
reg. C.R.B. 3/801-98

Ficha Catalográfica

Caos Portátil: revista de literatura v. 2, n. 3,  
semestral - Fortaleza: Panaplo, 2006-1.

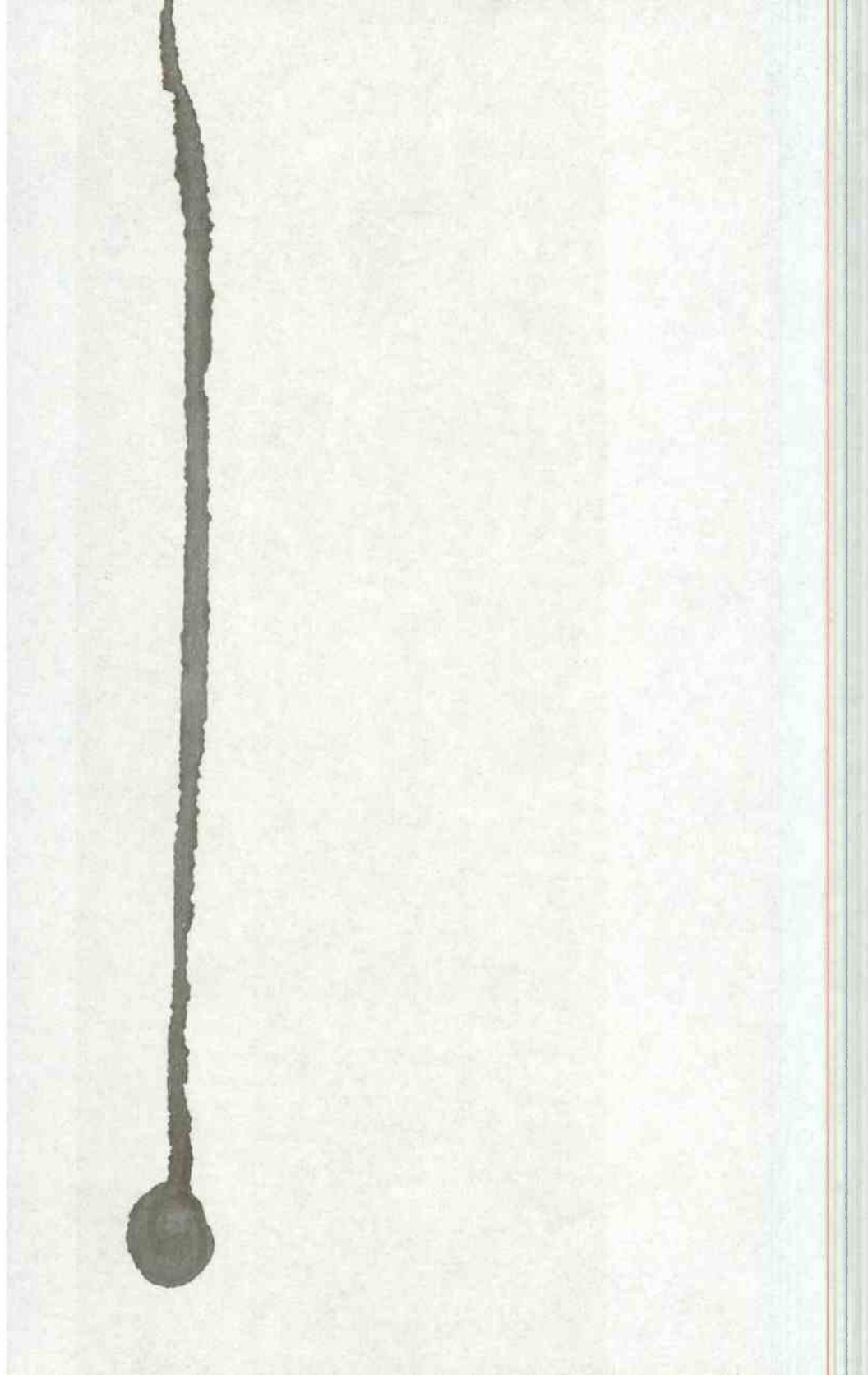
Almanaque de contos - periódico

CDD 869.9308

ISSN 1808-3080







## Fruição do caos nas dobras de espelhos estilhaçados

OS  
PORTALIL

O grito, enquanto grito, é apenas o silêncio se esvaindo. O caos, enquanto caos, é apenas a latitude maior deste silêncio. A mesma coisa é a diferença. Na verdade, o que mesmo importa? Mariposas de madeira? Jardineiros cegos? Crimes perfeitos? Quadros em movimento? Que importam?

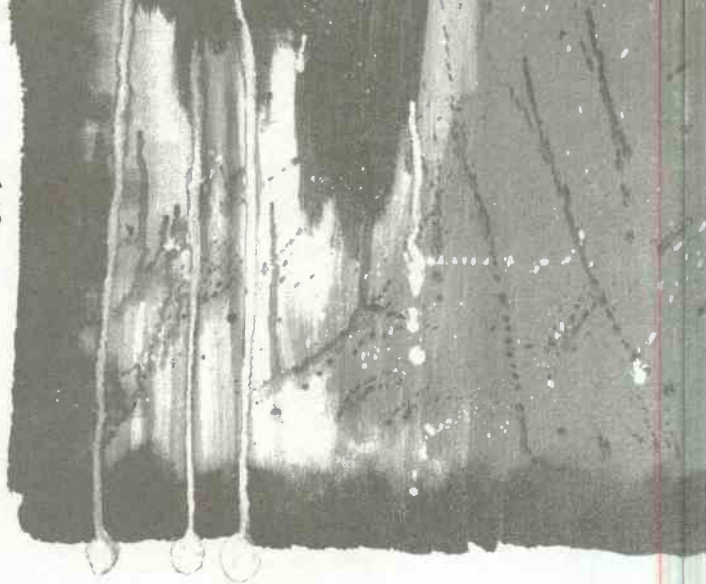
Talvez o que valha seja mesmo o estilhaçamento, a fragmentação de todas as realidades inocentes, graves ou mortas. O caos é crise e solução. A memória é apenas uma invenção.

É neste novo caos que se insinua bênçãos para a pestilência do engano; que se vê nascerem penas dos calcanhares dos mortos; que o hipopótamo invade o jardim; que se instauram instruções para as indecisões... É neste novo caos que o começo continua sendo o fim.

Que importa mesmo a vida? Importa viver. O caos.

**Os editores**

NATÉRCIA  
PONTES



OS  
PORTAIS

## Era Vânia.

*- Quando eu era pequena, bem pequenininha mesmo, minha mãe contou uma história de um homem que vendeu a alma para o Diabo em troca de riqueza e fama. Meus olhinhos brilharam e o coração escondido afligiu-se de medo. Embora a intenção de minha mãe fosse a de me ensinar a integridade e a bondade de Deus, lembro-me, perfeitamente, do que aquela história significou para mim, lembro-me bem do peso dela, tão grave e enigmático, tão presente por toda a minha vida: Eu já, desde então, tão pequena e tão menina, sentia-me docemente atraída pelas tentações do mal.*

A sala de estar da Vânia é decorada por móveis baratos que fingem mogno e apresentam o estofamento revestido por tecidos encardidos variados pelas cores: creme e azul-marinho. O ar da sala de estar da Vânia pesa num escuro tom de azul. Os quadros tortos, feios e pobres de espírito, denunciam desleixo, mau gosto e infelicidade. Vânia está só e o marido saiu. Vânia também está sentada em seu sofá azul-marinho. Jantou, escovou os dentes e agora passa o fio dental, desatenta, frente à tevê. O som da tevê está alto e Vânia nem percebe. O que ela vê na tevê é uma igreja repleta de gente torta, feia e agitada. Todos cantam e acodem para o céu, balançando as mãos como pássaros presos em correntes. No canto da tela, vê-se uma intérprete de surdos, as



palmas mudas traduzindo a canção, a melodia pobre e repetitiva que diz mais ou menos assim: *Entregue a sua vida, grite ao mundo inteiro, ele é a salvação, venha a Cristo sem demora, venha agora....* Vânia bocejou, desligou a tevê, o dedo gordo, a unha grossa e sem tinta, pressionando, decidida, a tecla de comando vermelha: POWER.

Vânia, ainda no sofá azul-marinho, fechou os olhos e viu alguém dentro das pálpebras. - Ela me viu, eu sei. Eu sei de tudo porque estava lá, dentro da cabeça de Vânia. Eu sei de tudo também porque já morri. E faz tempo. - O fato é que desde pequena sempre fomos muito próximas, estudamos juntas, brincamos de boneca, os nossos corpinhos mirrados cresciam para cima e para os lados, o tempo passava, menstruamos quase à mesma data, uma loucura, o buço da Vânia insurgia espesso e grosso e meus peitos, novos e bicudos, despontavam, duros e impiedosos, no vestido de musselina amarelinho-claro.

Os nossos gritinhos adolescentes e gasguitos se faziam subitamente abafados pelo grande estrondo "calem a boca, vocês são moças de família" proferido por papai. Nós gritávamos de tesão reprimido, eu acho. Nossas calcinhas - não parávamos de crescer para os lados - apertavam muito e quando não estávamos na escola, passávamos os dias trancafiadas no quarto, sem ter absolutamente nada para fazer da vida. Aquela velha história, moça de família não anda avulsa aí pela rua, moça de família se guarda, estuda e ora. Nós éramos sim, duas moças de família, respeitabilíssimas, amáveis e íntegras, mas não era nossa culpa, definitivamente, não era nossa culpa que nossas bocetas passassem dias inteiros inchadas e meleçadas de tesão.

O jeito foi um dia perguntar para a Vânia o que ela sentia, se ela sentia, se era aquilo mesmo, se ela sentia aquela explosão concentrada e quente, que tomava o corpo rendido, as caldeiras do inferno cozinhando nossas pernas, nosso ventre e nossos pés. Ela se fez de desentendida e pura, eu conhecia muito bem a Vânia, os olhinhos dela agradeciam a minha pergunta, o buço suado, a boca umedecida sorria nervosa e pedia, me explica direito, não entendi nada de nada e se fazia interessada, como assim, Deus, como assim, meu Jesus?

Eu disse que temia a Deus, mas que também temia ao fogo do Demo pelo o que sentia uma vez ou outra, como agora, eu sentia ali em baixo, sabe ali, Vaninha, dentro de mim? É como se meu corpo derretesse inteiro e a lava, o rio caudaloso e gosmento, emanasse, sem contenção, lá de baixo e eu tivesse que gritar para o mundo que doía, que era tão bom e que eu só queria aquilo nessa vida mais e mais, até

o fim? Sabe Vaninha, diz que sente, diz que sabe do que eu digo, diz para mim, vai diiiiiz.

Vaninha não respondeu nada, correu e trancou-se no banheiro - só vejo através das paredes porque sei de tudo e como já o sabem, morri - arriou as calcinhas apertadas, as coxas suadas e por lá meteu os dedos. Esgarçou as carnes rosas e molhadas do sexo com tanta veemência que um fio de sangue quase laranja desceu por entre suas pernas tremidas, entregues e culpadas. Vânia gritou baixinho, chorosa, satisfeita e condenada, ai meu Jesus cristinho do céeeeu...

A vida passou, trinta anos passaram, retornei ao Rio de Janeiro, em época de férias, para ver o mar. Sabia por alto que Vânia havia casado, sabia que morava por ali, o cartão impessoal dos correios, cara amiga, feliz natal, o número conferia e o andar também, o meu dedo gordo, a unha grossa e sem tinta, apertava o 306, alô Vaninha, sou eu, desculpa vir assim, sem avisar, eu estava passando e... que é isso menina, sobe aí, que surpresa boa, olha só, meu deus, e esse cabelo, agora você é loura, me conta, me conta, como você está?

Vaninha estava gorda e feia, o braço de morsa encahada na beira do mar. Ficou, ao longo dos anos, morena encardida, os olhos fundos e rodeados por duas auréolas roxas que lhe conferiam um ar exausto e vencido. A bandeira branca, puída, estava fincada bem ali no meio da testa da minha antiga amiguinha, pobre Vaninha, pobre de ti. Sentada no sofá azul-marinho olhava os quadros tortos, feios e pobres de espírito, as almofadas encardidas tingidas de creme, o rack da tv imitando mogno, o ar da sala de estar pesava num escuro tom de azul.

Ofereceu chá e tremia, porque enfim, porque eu estava bem e ela estava tão mal, tão gorda, tão encardida, tão infeliz, tão longe de si. O buço adolescente havia desaparecido dando lugar a uma mancha marrom, uma borra de café maculando para sempre seu rosto gordo, derrotado e aflito. Vânia explicando, desorientada, onde o marido estava ou o que ele fazia ou como o casamento ia, derrubou o bule e o chá por todo o vestido, queimando o corpo, os cacos da porcelana barata, pintada à mão, espalhados pelo piso, o gritinho adolescente, ai meu Jesus, ai meu Deusinho do céu, um grito involuntário e gasguito. Foi quando eu lembrei da Vânia sorrindo.

Vânia querida, senta aqui que eu limpo tudo, não precisa, não precisa, está certo, vou sentar, não estou me sentindo muito bem. Você quer água, um remédio, quer que eu abra a janela para a brisa entrar? Sim, beba a água, você está tão pálida, minha amiga, me conta, Vaninha,

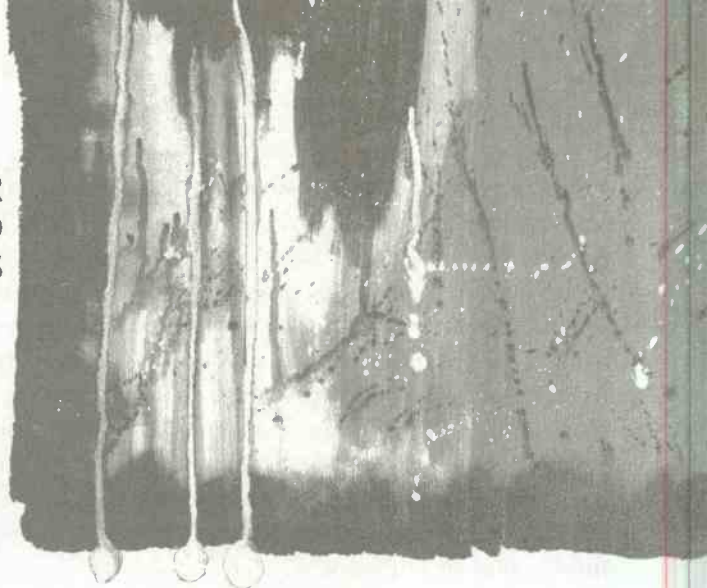
porque você está com esse rosto triste, Jesus, chore, chore à vontade, meu colo é antigo, você sabe, você sabe que comigo pode contar. Vânia deitou em meu colo, no sofá azul-marinho, para chorar.

Seu corpo todo encolhia e enchia a cada soluço, uma tigela enorme de gelatina escura ameaçava explodir por todo o lugar, emitia gritinhos sofridos e eu só entedia alguns solfeijinhos: por que meu jesuuuuus, por queeeê.... Era de dar dó. Apliquei-lhe um cafuné por detrás das orelhas, avançando minhas mãos com ritmo e dedicação, meus dedos invadiam delicadamente toda a cabeça. Minha amiga, por hora, mudou os tons dos soluços que agora se faziam mais lentos e demorados. Por um momento, me olhou com ternura profunda, seus olhos cansados e miúdos suplicavam amor.

Pedi mais um copo d'água, estou com a boca seca, faz favor. Levantei solícita, pronta para ajudá-la, pronta para fazê-la feliz naquela sala de estar em tom de escuro azul. Voltando da cozinha, o copo d'água, eu vejo a minha amiga, a minha Vaninha, em pé, endurecida, o braço em riste segurando, com os dedos, um caco enorme de porcelana pintada à mão. Seus olhos alucinados, vermelhos, amarelos, transtornados, carregados de morte, suplicavam a dor. Uma estocada certa no coração foi o suficiente para eu morrer. A asa do bule, no meu peito, ainda fremia, pausado e devagar.

Os evangélicos cantavam e oravam por Jesus no tubo negro da sala azul. Vânia bocejava, os dentes escovados, desligou a tevê, apertando a tecla de comando POWER, a unha grossa pintada sem tinta, vermelha, amarela, transtornada e decidida. Vânia abandonou meu corpo pela sala. Meu corpo sangrou lento até estancar. O marido da Vânia nunca percebeu nada porque o marido de Vânia, meu Jesus, meu Deus, o marido de Vânia, nem mesmo a Vânia, nunca, nunca, Cristinho amado, o marido da Vânia, nem mesmo a Vânia, nunca existiram, nem no meu quarto antigo, nem nessa sala escura em tom de azul, muito menos nessa vida pouca que tu me deste, meu Senhor, meu Redentor, meu Salvador do Reino dos Céus.

ARTUR  
EDUARDO  
BENEVIDES



10  
C A O S  
P O R T A T I L

## Depoimento Sigiloso

Não. Eu não estava sentado à janela de meu apartamento, olhando para o mar, nem tudo ficou bem claro de repente e uma súbita luz desceu do céu. Não eram vinte e três horas. Não estava tudo calmo. Não havia um brando e inesperado vento leste-oeste, suavizando o tremendo calor de 33 graus.

Eu não beberei minha costumeira dose de rum com coca, limão e gelo. Não falei com minha tia Onalda, que não me perguntara se não havia algo estranho lá fora.

Não fico sozinho aqui, todas as noites, a comer pizza com orégano, desde que meu filho se foi para sempre. Não senti o drama da morte de minha mulher, apunhalada na rua por um assaltante. Nem a partida de minha filha, pouco depois, para terras distantes, acompanhando o marido aviador.

Minha vida não é terrivelmente monótona e vazia. Não sou infeliz. Não vivo a olhar o infinito através de uma pequena luneta astronômica, de fabricação japonesa. Nem vi, outro dia, uma imagem bastante estranha surgir, às três da manhã, no meu aparelho de televisão a cores, de vinte e cinco polegadas, e desaparecer lentamente, emitindo sinais numa frequência desconhecida.



Não acredito em vida fora da terra. Não gosto de falar em tais assuntos. Não me fascinam. Não me empolgam. Não me levam a adquirir mais de trezentos volumes sobre literatura de antecipação.

Não converso tais cousas com ninguém. Meu genro nunca me disse que a Força Aérea desconfia seriamente da existência de objetos voadores não identificados. Nem me falou de certo Projeto Pente - Fino, em que há provas irrefutáveis da passagem ou permanência entre nós de viajantes de outras galáxias, o que, aliás, se encontra registrado nos mais velhos livros do mundo. Ou melhor, retificando: não se encontra registrado em livro nenhum.

Quem disser que recebo comunicação telepática de alguém chamado U-Thor está mentindo. Não recebo comunicação nenhuma. Não fui até o paredão de pedras negras, para ver, de repente, aquela maravilhosa luz vinda do céu, nem fiquei, na noite seguinte, sentado em meu carro, tentando fazer a gravação da mensagem prometida.

É pura mentira a existência daquelas palavras: *"Saudações cósmicas, ó povo do planeta azul! Necessitamos urgentemente de vós. Nossa civilização está perecendo e tendes espaço e oxigênio suficientes para o que resta de nossa população. Não vos faremos mal. Já não somos muitos. Temos informações extraordinárias para os vossos cientistas. Moramos a alguns anos-luz, mas podemos chegar em sete-de-força para proteger as nossas cubas, pois estais muito próximos do sol e somos todos albinos. Aguardamos para breve a vossa generosa decisão. Paz! Paz! Paz! Alegrias para todos, ó irmãos do planeta azul!"*

Tudo isso é inverdade. Utopia. Ilusão. Ou fantasia. Na realidade, U-Thor não me disse que já se impacienta e os seus acabarão por chegar de qualquer maneira. Não sei se as vanguardas já desembarcaram ou estão a desembarcar no Canadá, escolhido como Ponto Alfa. Nunca vi nada. Não sei de nada. Estive aqui, meio paralítico, por cinco anos.

Ignoro por que motivos satânicos minha nora foi declarar tais cousas nos jornais. Não acredito em disco-voador. Não existem Óvnis. Ou Ufos. Nos altos céus, só as estrelas, os planetas, os asteróides e os cometas. Nada mais. O resto é pura imaginação. E U-Thor? Ora, quem é U-Thor? U-Thor não existe. Sua luminosa nave não pousa, de sete em sete dias, de madrugada, naquela praia deserta. Nem ele me curou de paralisia no braço esquerdo usando um pequeno fecho de luz violácea. Nem livrou tia Onalda de um tumor maligno no seio.

Nada disso aconteceu. Quem disser o contrário é louco. Os senhores, do Serviço de Inteligência, podem anotar que assino. Com firma reconhecida e tudo. E, por favor, me esqueçam. Não mais há



nada a declarar. Juro que minha mente continua sendo minha. Inteiramente minha. Não a cedi, em momento algum, aos mensageiros do segundo planeta da Terceira Constelação. Continuo a ser terráqueo. Não estou começando a enxergar no tempo ou a exercitar-me em telecinesia. Não principio a perceber o inesquecível mundo da quarta dimensão. Não sendo iniciado no Grau Psi Beta. Nego tudo. Não sei de nada. Não vi nada. Só quero que me deixem em paz. Preciso viajar com urgência para o Canadá. Desculpem: foi um engano. Não preciso viajar com urgência para o Canadá. Nada tenho a fazer lá. Ou em parte alguma. Ninguém me espera. Rigorosamente, ninguém. Nem aqui, nem na curva do horizonte, nem nos frios espaços das estrelas.

Não  
acontece  
cedi



LUCIANO  
BONFIM

## Acontecimento

Meio-dia: o tempo.

O mês: janeiro, setembro... não recordo.

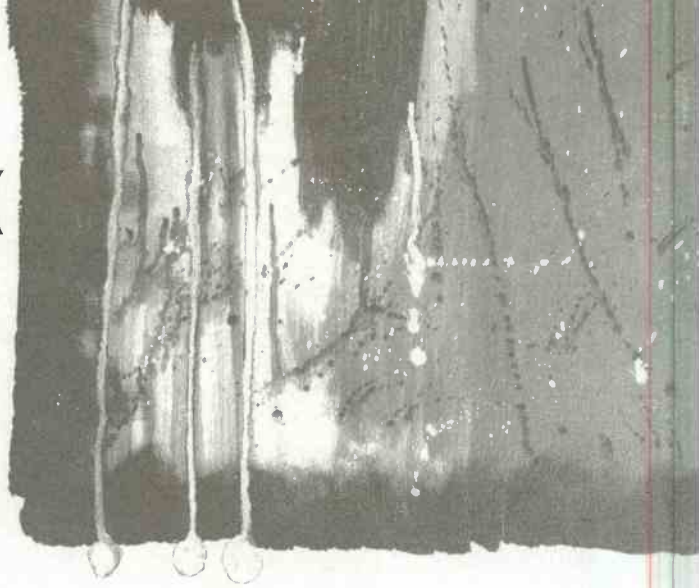
Creio não haver relevância de precisão para o que me proponho contar. Lembro, isto sim, que o sol ardia desde as primeiras horas da manhã. O guarda, me disseram, regava as flores dos canteiros da praça. Já possuía maioridade, e constavam alguns pêlos em meu rosto e tórax. Ela procurava uma blusa lilás, sapatos pretos - pois combina com tudo, dizia - e um álbum de fotografias. Não sei se encontrou os três, apenas os sapatos pretos ou nenhum deles, esquivo-me.

Estava deitado, quase dormindo. Ela beijou a ponta de meus dedos com a sua boca úmida e frugal (carinhosa e lentamente). Meus olhos, frágeis delatores, naufragaram em íntima sensação.

Poucas mães realizam este acontecimento...

Imagino.

RAY  
SILVEIRA



14  
CARTAS  
PORTÁTIL

## Deplorável Vêtu

De súbito me vi nu, caminhando pelas ruas. A consciência da nudez também foi repentina e o constrangimento, terrível. Contudo, a indiferença dos transeuntes e circunstantes era muito mais intolerável. Nada com que comparar. Um fantasma de alguém que ainda desconhece se já morreu, talvez fosse a idéia menos absurda. A primeira reação foi cobrir os genitais e me encolher, com o ímpeto de quem foge de uma ameaça fatal. Apelava desesperado para as pessoas pedindo para me ocultarem amontoando-se em meu redor, mas ninguém prestava a menor atenção. Depois, permaneci de cócoras durante várias horas, sem me mexer, nem saber o que fazer. Enfim, uma resignação desesperada me levou a agir. Já estava tarde quando me levantei e caminhei entre as pessoas, as quais continuavam a me ignorar. Ou antes, eu e os outros permanecíamos imóveis enquanto a rua era uma extensa esteira escorregadia escorrendo sob os pés, nos transportando. Não sentia falta do vestuário pelas razões factuais que levam a se precisar dele. Também não sentia frio, pois um sol só meu soprava seus raios sobre mim. Embora um vento frio escurecesse o meu caminho. No entanto, o constrangimento era cada vez maior. Experimentei um desejo louco de me vestir de embriaguez. Mas havia apenas aquela procissão de espectros. Sombrias assombrações

sobrepondo-se ao meu sóbrio desassossego. Não percebia, mas pressentia estar sendo seguido. De repente, fui assolado por um sentimento penoso de inferioridade, indecência e indignidade. A vergonha que eu sentia dos outros se ampliou e se modificou. E passou a me esmagar sob a forma de uma dolorida vergonha de mim mesmo. Repulsa da minha nudez. Asco do meu próprio corpo. E o constrangimento se transformou em medo, desamparo, amargura, tristura e abandono. Nenhum indício de motivação, alento ou desejo... Uma nuvem escura confundia-me as idéias. Restava apenas um oceano vazio onde me afogava forçado por uma tempestade de desesperança. Ao escurecer, um vasto manto me encobriu da cabeça aos pés. Não via nada nem era visto. Ou pelo menos assim acreditei. Passei a caminhar às cegas. Mas desapareceram os suplícios. Quando amanheceu, descobri que o manto, em verdade, era um véu. E então, todos me olhavam. Alguns riam, outros choravam. Não tinha a menor idéia do que acontecera. Continuei perambulando, ora nu, ora seminu. O mais estranho era que cuidava estar vestido quando, de fato, me encontrava recoberto apenas pelo tecido transparente da mantilha. E o sofrimento era cada vez maior. Num dia rígido cheguei a uma rija conclusão: o manto de desespero com o qual cuidava me abrigar, só me escondia de mim. Longe de redimir, tal percepção me levou a me “encobrir” cada vez com mais frequência. E maior tormento estava de volta quando me via totalmente nu outra vez. A angústia se tornou progressiva e causadora de náuseas físicas e emocionais continuadas. O jeito de encarar o tudo à minha volta era diferente. Quando despido, embora sem ser olhado sequer de soslaio, o semblante dos passantes me injuriava; sentia pavor de tudo e de todos; a nudez me transformava num réu desesperado pela culpa de um crime que ignorava ter cometido e sem sequer suspeitar qual teria sido. Devia a todos, não-sei-o-quê e tinha de pagar sem saber a quem, nem com o quê; uma escuridez de noite entrevecia os meus dias e uma claridez de dia encandeava as minhas noites; as pessoas e as coisas, quando deveriam ser diáfanas, eram opacas; a aparência, invariavelmente monótona, em feitio de tédio; a ramagem das plantas tinha outra espécie de pigmento, pois a coloração ia do castanho-escuro ao amarelo-ocre, do verde-musgo ao verde-negro de bile da atrabílis; lutava para ouvir o badalar dos sete sinos da felicidade, e só escutava *De Profundis*. Então, tentava desesperadamente me proteger cada vez mais, para aliviar aquele inferno, ao menos por alguns instantes. Bastava me encobertar com o



véu, para cuidar que o mundo teria avessado para todo mundo, e não somente para mim; eu era, sem ser, um potentado. E comecei, sem mais nem menos, a perceber clarinadas seguidas de sonatas mozartianas, tocatas e cantatas bachianas, cavalgatas wagnerianas e sambatas noelroseanas... Os odores também se modificavam. Qualquer cheiro sabia a natureza: aroma de terra amanhando, de fumaça de sândalo queimando, de mato verde florindo, de madressilvas se abrindo... um cheiro de nunca-termine. À própria dor moral, eu reagia com um grito que, tal qual o da tela famosa, parecia conter mais beleza que tragédia. Trágico teatro transfigurado transitoriamente em realidade. Mal erguia a fímbria da falsa mantilha, tudo ruía quais castelos de areia ao mar abeirados. Depois de muito padecer, decidi andar sempre nu. Lutando para esconder a vergonha, mergulhado num riacho de palavras, sem me importar com a ordem, com a velocidade, nem com a braveza da corrente. As frases são águas rolando e indo despencar mais além em formato de cachoeira, cuja sonoridade não possui a grandiosidade das obras-primas dos mestres da música. Todavia, é real. Enquanto isso, fluxos de idéias se movem lá embaixo, serpenteando sem rumo definido. E sem que eu pense por um só instante aonde irão afinal desaguar...

Muito Depois  
deixei de  
sempre





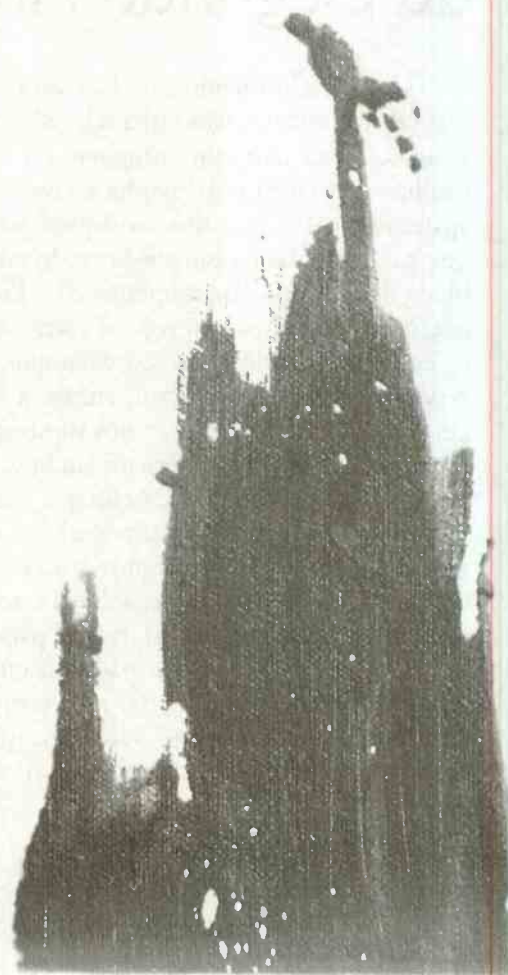
CARMÉLIA  
ARAGÃO

## Crônica do Segundo Andar

Coloquei o ouvido no chão para escutar os passos dela. Acho que ela não andava, não tinha televisão, não ouvia música, não tinha amigos. Talvez não more ninguém no andar de baixo. Quem sabe a mulher que eu vi pela manhã estivesse interessada em comprar o apartamento 103 ou tinha ido àquele jazigo onde morasse um velho que passava o dia na cama esperando por ela. Moro nos fundos. No bloco dos fundos. Apartamento 203. Enquanto os da frente vêm a rua, os carros, o luxo, eu vejo os varais, as calcinhas, as fraldas, o lixo, as estantes abandonadas, os catálogos empilhados, os livros que serviram ou nunca serviram, enfim, a vergonha que não se mostra pela frente. Pior que morar nos fundos, é morar no primeiro andar dos fundos, no 103, porque eu ainda vejo os telhados, os restos dos faróis que correm nas ruas. Acho que o mundo do primeiro andar é o de um cego, tapado pelo muro verde, limitado aos barulhos dos meus passos, dos pneus ou de algum grito de socorro na madrugada. Aos dezesseis anos a gente nunca sabe direito dos sentimentos. Vergonha, saudade, tristeza passageira, tristeza para sempre, amor para sempre. Dá uma confusão. Sei que não vou enlouquecer e que tudo passa como a minha infância, como meu corpo. Talvez me doam todos os sentimentos de uma vez só. Talvez me quebrem os ossos cada vez que sinto algo. A vizinha de baixo usava um vestido verde, uma bolsa preta,

quando saiu pela manhã, tinha os cabelos curtos, escuros, os olhos também eram escuros e a pele bem branca. Ela é a mulher mais branca do mundo. Branca, branca, branca, branca, branca e o batom, vermelho. Depois não a vi mais. Nem na janela, nem pelos corredores, em lugar algum. Ela foi um leve ruído nas escadas que se prolongara por 15 segundos, ou 30, ou 1 minuto às 15 horas. Abro a porta. Daqui a pouco desço as escadas. Não vou a lugar algum. Finjo que não a procuro.

180  
C A S  
PORTATIL





CARLOS  
D'ALGE

## Tango

CAOS  
PORTATIL 19

- Eu sei que esta situação me aborrece e me deprime. Que saco! Todas as noites a mesma coisa. Já sei: não podes. Tens medo. Dos teus fantasmas e dos fantasmas dos outros. Não és a Shirley Valentine. Não lutas pelo teu sonho. Vá lá, aproxima-te, põe a cabeça no meu ombro. Gosto de te sentir perto. Gosto do teu cheiro, do mel da tua boca, desse batom que mancha demais as minhas camisas, que me compromete. Tem paciência. A vida não é só correr por estas ruas anoitecidas. Pra eu ficar quieto? Não. Deixa a minha mão te afagar.

- É perigoso.

- Por quê?

- Porque é inflamável!

- Então, acendemos o fogo...

- Não podes, estás dirigindo. Cuidado! Olha o sinal, caramba! Queres nos matar?

- Pronto. Já paramos. A cada sinal a mesma coisa. Não adianta tu me tocares. Isso apenas me excita e temos muitos quilômetros pela frente. E, nessa travessia, viajamos como náufragos pela cidade.

- Cuidado! Olha o buraco!

- Todas as noites é isso, ainda não consertaram esse maldito buraco. Com todas estas obras, a cidade está uma grande merda. Que raio de políticos, têm sempre de mostrar serviço para se reelegerem ou elegerem os seus amigos.

- Poderia ser pior se estivéssemos na Iugoslávia.

- Como assim?

- Viste o que fizeram com Dubrovnik? Sempre desejei ir até lá, ver os seus castelos e o velho ar de cidade medieval perdida no tempo. Por que o homem faz isso?

- Porque é o predador do asfalto. O lobo do outro. Chega pra cá. Deixa-me beijar o teu rosto.

- Sabes? Gosto muito dos teus olhos e do teu sorriso. Por que não sorris mais vezes?

- Porque a vida não dá.

- É só vivê-la.

- Vai devagar, não me sujes a camisa com o blush do teu rosto e com esse batom. Que diabo, a tecnologia não chegou à tua empresa? Não há batom que não manche? Olha, estou com uma sede danada.

- Tu é que és muito danado. Pára com essa mão! Estás sempre me apalpando.

- Olha, tens algum trocado?

- Talvez. Pra quê?

- Pra dar àquele garoto no próximo sinal.

- Toma lá. Mas tu achas que com isso resolves o problema?

- Não, não resolvo. Sei muito bem que como esse garoto há outros dezesseis mil na cidade, vagando madrugada adentro.

- Não achas injusto isso?

- Sim, acho injusto. São as elites responsáveis por tudo isso. Porque não são generosas, porque concentram a renda, porque são egoístas e perversas.

- Sabes que morreu o Piazzola?

- Como morreu?

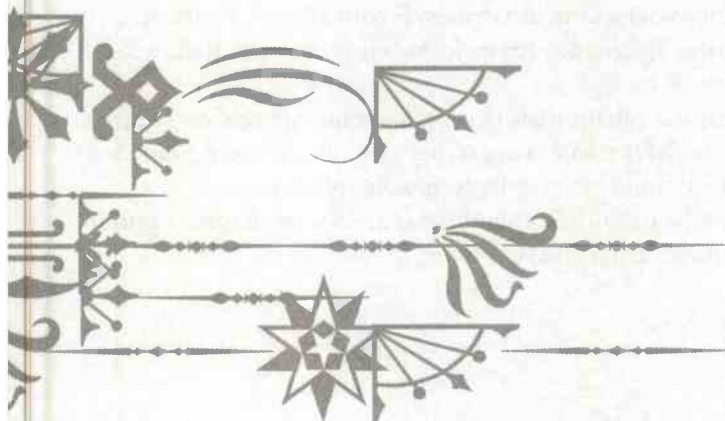
- Do coração, dizem.

- Porca vida. Como eu gostava de ouvi-lo. A sua música é a angústia humana transformada em melodia. Porque vivemos entre o ódio e o amor. Mais ódio que amor. Adiós, Nonino. Somos dois perdidos nesta noite, sem porto onde atracar. Sem cama macia e quente à espera. Sem mesa posta e teto protetor. Temos que nos concentrar com a ansiedade que ronda as nossas vidas. Adiós, Nonino. Por que choras?

- Por nada e por tudo.
- Não adianta. Vá lá, encosta-te ao meu ombro. Mais um sinal.

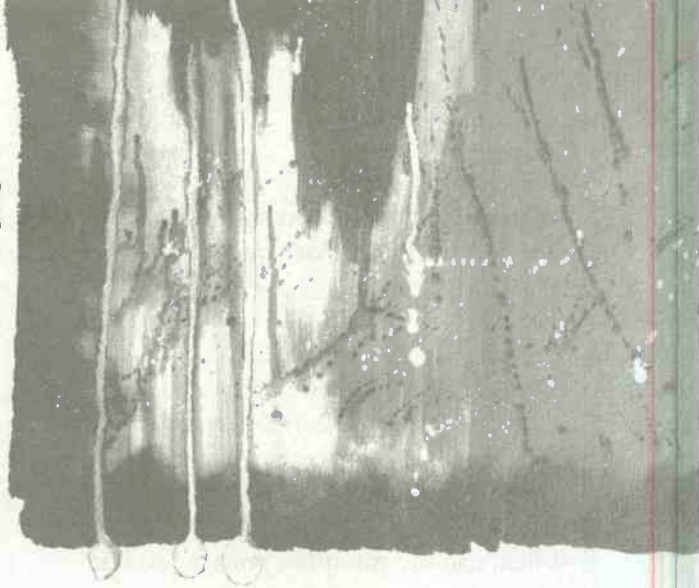
Que eu te compreenda? Claro que te compreendo.

- Não me pegues aí.
- Por quê?
- Porque estou menstruada.
- Droga, não me disseste nada.
- Como te poderia dizer? Não paras de falar.
- Sim, e agora?
- Agora, tem paciência.
- Merda.
- Olha, não me sufoques, preciso respirar.
- O que fazes?
- Nada e tudo.
- Cuidado com o zíper! Tu és louca. Eu morro, sabias?





ONIAS  
LOPES



22 ANOS  
PORTATIL

## Meu Cálice Transborda

*E todos esses que aí estão  
Atravancando meu caminho  
Eles passarão...  
Eu, passarinho!*

**Mário Quintana**

Três mulheres italianas gravam um vídeo, aqui, ao meu lado. Elas saíram. No mesmo lugar, agora, um menino chuta o banco com os calcanhares. Ele está sentado. Não, ele também já saiu.

Muitas pessoas passam por mim, poucas me olham. Tenho que disputar a atenção delas com as vitrines. E com a fonte, também, atrás de mim. Turistas apressados tiram fotos, eu estarei em todas elas. A fonte, as vitrines e eu.

As pessoas me olham mais demoradamente quando eu seguro o copo do sorvete. Mas não é o copo que elas olham, ele é branco. O lápis também é branco, não é o lápis que elas olham.

Meu coração bateu mais rápido, e o ar saiu de dentro, fugindo. Duas batidas fortes e decididas.

As pessoas ainda passam, algumas até olham. Talvez seja o cheiro do doce de leite, afinal, cheiros não são brancos. Talvez, elas olhem os pedaços de biscoito de chocolate. Não: os pedaços de chocolate mancham o copo branco por dentro. Meu coração bate mais rápido querendo saber o porquê.

Terminei o sorvete. Menos pessoas passam, e as que ainda surgem andam mais rápido.

Porém, há um vestido azul logo acolá, e as pessoas se demoram perto dele, apesar do corpo branco do manequim.

Meu coração se conforma, bate mais pausado e aumenta de tamanho. Ele se estende fraco, pela falta de motivo, e absorve o que não deveria. Pouco tempo depois, ele pára, como se morresse, transbordando o azul do vestido e deixando um leve cheiro de doce de leite e chocolate no ar.

As pessoas continuam, desavisadas. Elas não me vêem, sequer se interessam por aquilo que se atrasa em mim: elas não enxergam a si mesmas ou algo além das vitrines. Qualquer palavra que ande junto com elas, enquanto seguem, cola-se na vitrine, colorida pela sombra azul do vestido. Eu tento pegar essas palavras: estico o braço e o lápis quase cai da ponta dos dedos quando tento escutá-las.

Vitrines



AIRTON  
MONTE

24 ANOS  
PORTATIL

## Paisagem Passageira

Sonho: personagens movendo-se entre a bruma. Uma voz longínqua que insiste em me dizer o que não desejo ouvir. Fico puto quando acordo. Volto a dormir. O palco etéreo se repovoa outra vez. E outra vez A Voz. Dessa vez mais perto, mais real, sólida como uma parede de concreto armado.

Sim, tua família te visitará hoje. Certamente virão à tona algumas bobas metáforas que desejaras sepultadas nos esconsos desvãos da memória. Eles sentarão, talvez, nas magras cadeiras da pequenina saleta e mentirão como sempre. E conversarão sobre coisas que não te interessam. Mas ouvirás de um modo solene e grave. Feito um padre. Eles poderão falar, com ar contrito, que vieram buscar-te. Resgatar-te. Afinal, já podes regressar ao ninho antigo. O teu lugar na mesa de jantar e teu quarto permaneceram intocáveis em tua ausência.

Que haverás de fazer quando as mãos gastas do teu pai tocarem teu rosto? Ou teus ombros tensos? Ainda ouvirás o vento da tarde feito uma túrgida melodia em teus ouvidos cansados? Dirás frases desconexas? Qualquer que seja teu gesto, tua postura, eles sorrirão seu riso calmo, pacífico, pétreo, como se na verdade um dia te pudessem compreender.

Verás que tua mãe continua linda em seus vestidos simples, por demais cerzidos na velha Singer nas horas raras de folga da faina da escravidão doméstica. Beijarás, comovido, aqueles dedos tortos, enrugados, de unhas rombudas comidas pelo tempo. Ah, o tempo, desgraçado e bendito inimigo.

Anda. Chegou a hora de ir-te. Põe tua melhor roupa. Agora já podes voltar a ser um homem feliz, a viver entre os teus como antes de tudo. Um homem mergulhado no seio da família até o afogamento, que carinhoso suicídio. Ah, mas que sagrada, desgraçada família não possuis. Não percebes como teu pai te ama demasiado? Deixa que tua mão direita perca a rigidez do aço e acaricia os objetos que não mais te pertencerão neste quarto de hospital como se quisesses absorvê-los através dos poros. Par de sapatos sob a cama. Escova de dentes na louça rachada da pia. A luz trêmula, fugidia que jamais acende ao primeiro toque no comutador.

Há todo um universo preso no quarto que foi teu esses longos dias. Deves abandoná-lo agora e esses minúsculos universos paralelos que criastes ao inverso deste universo maior que ora te esmaga e tua gente te reclama. E quando soar a sirene anunciando a hora da partida, um mundo inteiro deixará de existir. Sobreviverá uma vontade meio louca de trepar pelas paredes feito o Homem-Aranha e possuir as reentrâncias do reboco novo cheirando a cal do teu quarto de solteiro na casa paterna.

Diante de ti, o branco leito, imóvel baleia assassinada no meio do silêncio e não és o Capitão Ahab. Guardará as marcas úmidas do teu corpo no côncavo dos lençóis baratos? No chão ainda rebrilham manchas de sujo velho, gotas ressequidas de urina, restos da sopa de ontem, uma barata esmagada no chão do banheiro. Mortais resquícios de tua história poeirenta. Os detalhes de tudo ao redor gravando-se no cérebro atento como se fosse uma pintura muito antiga, camada após camadas se sobrepondo em imagens sucessivas qual num filme de Glauber. O arquetípico esboço permanecendo vivo por baixo de tudo o mais, arrebatando a casca endurecida de esquecidas emoções de um passado não tão distante.

Deves ir ao banheiro pela última vez, visto que finda a permanência neste lugar de horrores ou paraíso do esquecimento da realidade? Um banheiro igual a todos os banheiros do mundo. Odor de imundície e detergente impregnando tudo.



Permanecerás bem no centro desse aposento qual uma árvore no deserto, esmagado por uma solidão espantosa e tamanha. Até que os neurônios enguiçam com tal vastidão de memórias.

Quando saíres daqui nada lembrarás senão o que desejes lembrar. O ambiente familiar onde teu quarto era o último após a curva da escada. Na casa do pai, afetiva jaula, útero ao inverso, nuvem emparedada. Uma estante rústica com livros de Kafka, Hemingway, De Assis, Trevisan, Fonseca, Norman Mailer, Henry Miller, o velho Graça. Uma bandeira do Botafogo campeão carioca de 1957: todos os jogadores tinham a cara de Garrincha.

Não ouvirás som nenhum familiar aos ouvidos enquanto tateares o caminho de volta ao presente em meio ao passado te roçando de leve a aba da memória. É incrível como neste exato momento te lembrarás de uma foto de Ray Charles debruçado sobre a borda da Ponte de Brooklin, de ombros curvados, chorando em silêncio.

Todos os habitantes desta enorme casa, teus irmãos do tédio, te olharão sombrios como se cuspissem em teu rosto o adeus mais desesperado dos que ficam, dos que são forçados a ficar aqui. Eles acenam mudamente um adeus que custa a despregar-se do teto, das cortinas puídas, pintadas de bosta de mosca. Do tapete vermelho e gasto enrugado pela voz possante de teu pai.

A tua gente entrará pelo portão oxidado por mil lágrimas diárias de mil gerações encarceradas dentro de si mesmas, ah, que estúpida é a solidão dos homens! Mas quem sabe não entoarão cânticos de guerra íntima e serás envolvido pelo ritual melodramático que nem um condenado à morte rumando em direção à sala escura no final do último corredor apelidado amor. E caminharás bovinamente passivo entre os guardas trajados de imaculado branco, disfarçado luto.

Murmurarão, eles, teus sadios familiares, a cada enfermeiro que passa um agradecimento ralo e gotejarão nas mãos ansiosas gorjetas parcas. E tu, apenas tu, sozinho entre a multidão atônita, tu, apenas tu estarás completamente vivo. Flutuarás como uma folha de papel em branco entre os rios e os risos que escorrerão de teus olhos e de tua boca poeticamente muda.





PEDRO  
SALGUEIRO

## Na Praça

Aos poucos o artista descobria o segredo de agradar ao público. O que para todos parecia espontâneo, era na verdade puro artifício. No princípio ele mesmo se assustava com suas performances: com a força e naturalidade de cada movimento — os olhos crispados combinavam com o passo firme, a mão pouco vacilava quando erguia a garrafa à altura da testa, a vista agora levemente fechada no esforço da concentração: o vidro, nesse instante, seria mastigado, devagarinho com a respiração. Também a felicidade demonstrada por ele era puro artifício — aos poucos ia notando a platéia dispersa, alguns já olhavam de lado, e dos lábios (antes silenciosos) farfalhavam cochichos. No dia seguinte, após a madrugada sem sono, avançava na reconquista do público: aperfeiçoava o truque, naturalizava os movimentos com muito treino, respirando no mesmo compasso do coração — de novo os olhos atentos, o respeito da platéia; o corpo respondendo feliz, mas por pouquíssimo tempo... e está ele novamente desconfiando do público, as velhas (e mesmas) mudanças, um risinho cínico do sujeito na fila de trás, o bocejar da senhora de verde...

Ultimamente só restou a ele subir no galho mais alto da árvore no centro da praça, de ponta-cabeça, sustentado pelas pernas — num nó de equilibrista de circo —, a garrafa, que antes vinha cheia de água, soltava agora labaredas pelo gargalo: os dedos firmes a seguravam, de novo o público na palma da mão, mas também por muito pouco tempo. E isto já angustiava o artista, que em vão procurava uma saída para o próximo número





AYLA  
ANDRADE

## Pequeno trecho da vida de Sarah Guello

*...Chegou um tempo em que não adianta morrer.  
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.  
A vida apenas, sem mistificação.*

**Carlos Drummond de Andrade**

- Estou com o peito apertado! Talvez se você saísse de cima de mim, amor...

Enquanto ele vestia a calça com o zelo de sempre, ela pensava que aquela era a cena de sempre, com o homem de sempre. Agora ele lhe daria um beijo na testa, um sorriso de agradecimento explícito e amarelo e um quase esquecido adeus.

Antes ele não desse adeus, jogasse uma bomba. Isso sim, seria uma novidade.

- Adeus - respondeu ela - com a voz roubada pelo nó na garganta.

Pensou em esperar, ali mesmo, deitada na cama e nua até que ele voltasse. Até o dia em que ele precisasse voltar.

- Por que a preguiça é uma rede funda, muito funda, quase sem fim e a gente se perde lá no escuro: dentro e sozinha. Disse pra dentro.

Lembrou o trecho da poesia que conhecera na infância e que sua mãe sempre relia antes do efeito do remédio. Talvez no intuito de dispor a filha mais disposição e a si, mais indulgência pela noite de sono induzido.

- É verme, dizia o pai. Desatento e concentrado no jornal: canal de esportes, domingo. Meia-noite para o fim de tudo.

Quando criança dizia coisas:

- Vou fugir e levar a preguiça no saco, e ela vai caber mesmo sendo funda como os olhos de Ceíça, que também não têm fim.

- Essa menina diz cada coisa, amor!

- É?! Desatento e concentrado, o pai.

Hoje ainda digo coisas, mas de lá pra cá foram tantos nós que os olhos de Ceíça são rasos e já me perdi no escuro da rede.

Quanto ao fulano. Era o de sempre. Dizia boa-noite mesmo sendo de dia. Cantava de galo mesmo sem terreiro. Dava coices sem pata e beijava sem saber que me beijava. Talvez por que não me visse. Talvez por que não me visse como eu era: braços de fera, pernas de gigante, olhos anfíbios e asas, várias delas. Talvez eu nunca estivesse ali quando ele estava.

- Vou para um passeio, não me espere. Vou embora, não me espere. Vou morrer, não me espere.

Mas ele deitava na cama, pesava em mim e arfava. Como sempre.

O dia lindo lá fora: a areia vermelha entre os dedos, os buracos de siri, as rachaduras no muro, as caixas d'água da cidade, os degraus da praça, o sol entre as árvores, os dedos na vidraça, cheiro de gaveta, insetos-grandes-goles-de-veneno.

Talvez eu nunca estivesse ali quando ele estava.





POSSIDÓNIO  
CACHAPA

## As Flores, Vistas de Baixo

Eles vieram de noite. Atravessaram os campos de lírios com as botas cardadas; as botas que tinham generosamente engraxado desde as primeiras horas do entardecer. As mulheres arregaçaram as saias e desviaram os cabelos dos olhos claros. Os homens levaram uma das mãos, várias vezes, às calças de tecido grosseiro, ali, onde a comichão parecia querer comer-lhes as virilhas. As crianças seguiam ora à frente, ora atrás, os olhos ainda mais frios que os das mulheres porque não reflectiam nem a luz das tochas que traziam nas mãos, nem o rasto das estrelas que passavam por cima deles. Saíram de noite e atravessaram os campos. Saíram de noite e meteram os pés dentro dos ribeiros e fizeram rolar as pedras por onde os animais passavam.

A minha irmã Jacinta brincava com as bonecas de pano. E com outra, a preta de cabeça de massa, debaixo do telhado de madeira. Falava com elas, ralhando-lhes por não terem feito isto ou aquilo. Ensinava-as, ainda, a comportarem-se à mesa. "Não se pode cantar", ralhava, severa. Os cabelos espalhados em caracóis pelas costas.

De vez em quando, olhava para a minha mãe que lavava no tanque grande. A pilha de roupa começava a ceder, flutuando num dos lados sobre uma mancha branca de sabão. Era a parte de enxaguar; a que ela

tinha pedido ao pai que lhe construísse, durante pelo menos 3 anos. A minha mãe esfregava a roupa de cá para lá e de lá para cá, rasgando os dedos finos e vermelhos contra as areias que tinham sido coladas à pedra de esfregar para melhor arrancar as notas de unto. Também ela levava por vezes a mão ao cabelo para o desviar da cara, soprando, e observava Jacinta. Assegurava-se de que ela continuava à vista e não se tinha voltado a lembrar de fazer uma fogueira com pilhas de paus. Jacinta sabia fazer fogos maravilhosamente realistas para a sua idade. E mesmo se não chegava à fase de os acender, ainda assim, as suas bonecas pareciam contorcer-se de dor, prisioneiras das posições em que as deixava. A minha mãe não queria arriscar esta visão.

Dentro da casa, Vale estava estendida de costas sobre o edredão de riscas azuis. Sabia que em breve a mãe a chamaria. Mas a minha irmã mais velha era assim mesmo: dormia sobre as obrigações e sonhava com o que não se encontrava ali. Era preciso estar sempre a chamar-lhe a atenção durante as aulas de gramática. Vale imaginava-se sempre longe, num lugar livre de deveres. Um sítio onde não lhe seria exigido nada mais do que uma ordem breve, ou a expressão de um desejo. E, contudo, era a primeira a focar-se no que havia para fazer sempre que uma desgraça acontecia.

O pai não estava à vista. Mas podíamos ouvir o ruído da sua serra hidráulica, alimentada pela água do pequeno riacho (que ele apresara, de resto). O pai era assim: podíamos sempre ouvi-lo. E, se prestássemos atenção, cheirá-lo. Esse cheiro de resina de árvores e camisas suadas dava-nos a todos uma sensação de segurança. Mesmo quando as árvores pareciam crescer sobre a clareira onde ele reconstruíra a nossa casa, a partir de uma velha barraca; mesmo quando as nuvens fugiam da montanha ao fundo e se juntavam sobre as nossas cabeças para nos ameaçar com o dilúvio.

Foi ele que me endireitou as golas da camisa de flanela azul. O que me passou a mão pelos cabelos que pareciam querer fugir para longe do lugar onde os tencionava manter. Deixou-me à distância exacta a que um pai deve deixar o filho que entra para o seu primeiro baile. E permitiu entre nós o necessário silêncio. Para que eu pudesse saborear mais um pouco o riso das bocas das raparigas que, excitadas, tinham partilhado comigo uma dança.

Julgámo-nos em segurança nessa última noite, enquanto partilhávamos a terrina da sopa, onde os feijões que havíamos colhido na horta se despediam da terra. Julgámo-nos em segurança quando

nos despedimos para dormir, Vale subiu até ao seu nicho dividido por um tapume de todos nós, eu trepei de um salto até à minha cama a cheirar à casca recém-cortada dos pinheiros e a mãe deu um beijo na testa de Jacinta, levada em braços pelo meu pai.

Mas enquanto as luzes se desligavam na nossa casa de madeira já eles cruzavam os campos de lírios e os ribeiros. Já mordiam buchas de pão, sem tirarem os olhos do caminho ou das tochas do guia que lhes assegurava não faltar muito.

Quando o dia nasceu, estavam tão perto da nossa casa que quase nos podiam avistar. E foi em murmúrios que os homens e as mulheres disseram às crianças e a si próprios por que razões vinham à nossa procura. Foi num sussurro que apertaram às mãos as correias que seguravam as mocas, cuidadosamente esculpidas para abrir um crânio com um golpe seco; ou afiaram as navalhas que antes tinham servido para cortar o caule de pé de milho ou uma fatia de enchido. Homens, mulheres e crianças de olhos claros que não reflectiam o dia, chegaram ao início da manhã. Tinham os pés sobre as flores.

O pai não os ouviu, com o barulho da serra, e quando os avistou, mal teve tempo de se defender. Caiu no chão com a sobancelha rasgada e duas lanças no peito, cravadas em unísono por dois rapazinhos gémeos de quem se esperavam grandes feitos.

Jacinta não chegou a chorar. Viu a mãe correr na sua direcção, mas a voz vinha de tão longe que não conseguiu perceber o que lhe estaria a dizer. Surpreendida, viu a boneca preta ficar subitamente vermelha, enquanto o chão se aproximava vertiginosamente.

A mãe caiu ao seu lado e, anestesiada pela dor de ver os caracóis castanhos de Jacinta, manchados de vermelho, nem sentiu as botas que lhe entravam no peito e na barriga, nem os chumbos que lhe cortaram em dois o rosto a que alguém um dia chamara, Açucena...

Vale foi arrastada por entre os quartos. Os seus gritos metiam tanta aflição que dei graças por mais ninguém a poder ouvir, com pena, a não ser eu. Julgo que não lhe tocaram enquanto respirou e que foi só quando o seu corpo já conseguia sonhar, que se estenderam sobre o branco leitoso da sua pele.

E eu nunca tinha percebido que as flores cheiram tão intensamente junto ao caule. Não era o amarelo das flores miúdas que exalava o aroma mais forte. Não: era junto ao pé. Procurei ajustar os olhos para melhor perceber os movimentos do insecto que subia por uma delas. Mas algo insistia em turvar-me a visão dele. As vozes gritavam coisas









VIRNA  
TEIXEIRA

## Orkney

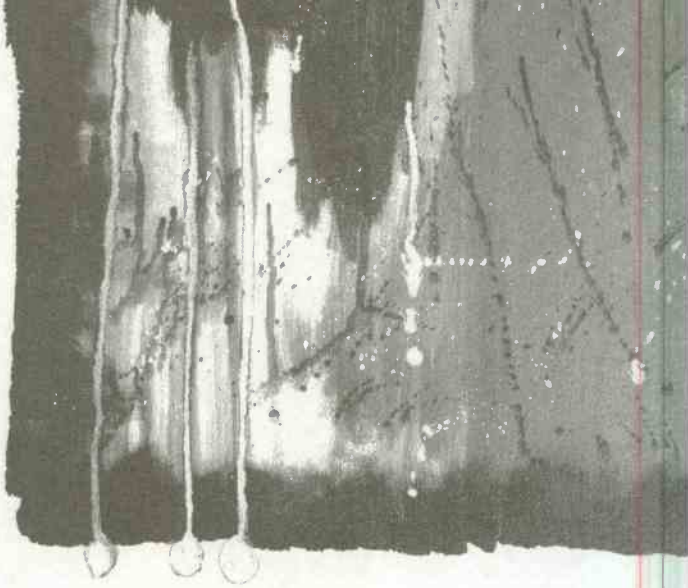
Arquipélago, extremo norte. A praia deserta. *Light summer*. De suéter e botas de caminhada. Um piquenique sobre as pedras, sanduíches. Focas tomam sol na costa. De vez em quando se movem, levantam a cabeça quando escutam ruídos.

Observava pássaros, quieta. As asas bicolores dos puffins, voavam em bando. Gaivotas. O desenho de um navio ao longe.

Por ali passaram crusaders e vikings, templários. Agora a solidão, o silêncio. Longe de guerras e bárbaros, apenas ruínas. Neolíticas. Rochas.

A quietude do mar, sem ondas.

JORGE  
PIEIRO



36 ANOS  
PORTATIL

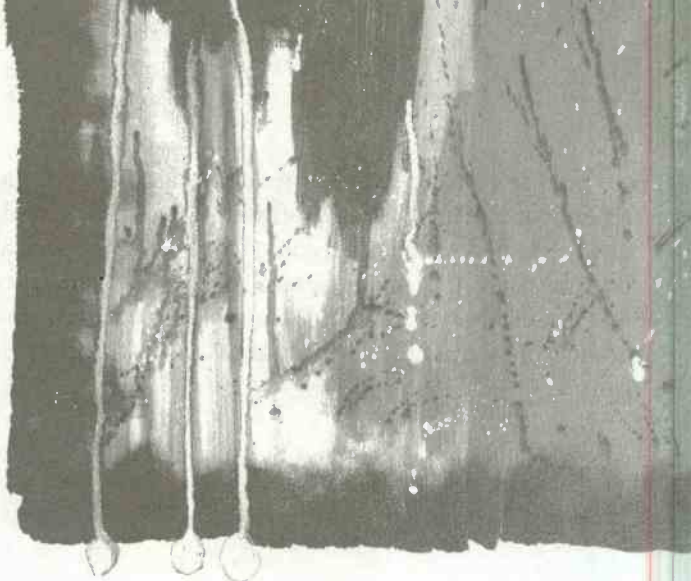
era uma...

zzzzzzzzzz  
**Sandro Dalpino**

Escolhi a pior história para contar. Não discordarei dos senhores se me fustigarem palavras desavindas por conta disso. Paciência! A vida e a literatura estão vazias, do mesmo modo que a ineficiência das nossas falas em torno dessas fogueiras abstratas. Se prefiro abrir o leque das idiotias é porque, como ouvintes, é o que merecem. Desculpem-me a arrogância. Ou não. Ei, não saiam já. Esperem... A impaciência é improdutiva, ovo goro, pista falsa. Esperem pelo epílogo desta história. Haverão de entender por que me disponho a ser apedrejado por mamutes - se é que há mãos neles aticadas -, mas a eles prefiro, ao estrondo do estouro, àqueles que apenas regurgitam em forma de aceitação. Perdão, mais uma vez, dito agora em voz alta. Na verdade, nenhum dos senhores é culpado pela insanidade, pela apatia, pela negligência intelectual. Vítimas, apenas vítimas. E pergunto, pois, será que entenderiam, encontrariam o momento oportuno para um revide

ou galopariam, apenas, ao largo de uma desastrosa inocência. Se me entendem... Pois retomo o princípio: Verbo! Verbo de uma história que se não poderia pensá-la como tal, com tal analogia sagrada. A minha história não tem a menor graça. Uma vida amorfa, comum. Agora, que estamos cientes... Não, não se vão ainda, pois assim perderão a grande oportunidade de me saber inválido diante de uma platéia. Enfim...

VÂNIA  
VASCONCELOS



## Arco-íris

38 ANOS  
PORTATIL

Depois que ficou cega, a vida até melhorou. Era mesmo a tia feia, a irmã mais velha, que não dera certo em nada, aquela sempre útil e sempre um fardo. Cuidara da mãe até a morte. Antes da escuridão, tomava conta dos meninos dos irmãos e cozinhava para queixa de todos, embora nunca contratassem uma cozinheira. A cegueira a assustou. Era como um imenso abismo de pretidão. Tão nova ainda, quarenta e poucos, mas a doença apagara o mundo inteiro. No começo, ficava sentada, só, à beira da janela, tomando vento. Esqueciam dela. A empregada, no corre-corre de tantos adultos que dividiam a casa em que cresceram, também esquecia, às vezes, o almoço ou de ajudá-la a encontrar o banheiro, quando pedia. Aos poucos, foi aventurando-se pela casa. Descobriu que os sentidos acordaram. Ignoravam-na e ela já conhecia todos os cantos e passos daquele mundo. Sabia cada voz. Conhecia, agora, a cor de cada cheiro. Associava aos lugares, às pessoas, aos sons, uma cor que apagara. A irmã nervosa era amarela. O irmão que bebia muito e trabalhava pouco era marrom. A irmã do meio, mãe solteira de dois filhos, sempre cansada e sem tempo, era lilás. Aos poucos tudo foi ficando divertido. O melhor foi quando o sobrinho



passou a sentar-se a seu lado, depois da escola, nas tardes vazias de mãe. Ela ouvia as histórias dele. Sentia sua alegria azul quando lhe perguntava detalhes. Pediu então que ele contasse as cores da rua, que fosse seus olhos. Ele sorriu, e se pôs a descrever as flores novas da pracinha em frente, a menininha que vinha à tardinha com a avó, cheia de cores, o jogo de bola, as roupas dos namorados e seus mínimos gestos. Riam juntos com alegria adoçada de amizade. Também ele dava cores às pessoas e aos episódios. Um dia, a mãe do menino anunciou casamento e mudou-se rápido em ventania. Sozinha, não conseguia trazer o riso azul.

Do outro lado da cidade, num quarto vazio de cores, um menino cinza, cuja miopia sequer fora detectada pela mãe e que mal via sombras, tentava recriar as cores que a tia o ajudara a enxergar, ao pintar, numa aula de arte, um arco-íris que, junto com ele, seria o motivo de riso de toda a sala de aula.



BARROS  
PINHO



## Tocaia no Engenho da Baixa Grande

40  
CINQUENTA  
E OITO  
PORTATIL

O tempo caminha para o meio-dia. O Sol a furar a esteira do mormaço ameaçando sufocar a terra. O redemunho agoita no terreiro. Os que estavam em ocupação fora de hora no curral nada diziam; espiavam e imaginavam: "Neste redemunho pode estar o invisível rosto do tinhoso, uma vez que o diabo tem ciência de se meter na vida dos cristãos. Ao se meter se mete até enroscado no vento."

Ninguém viu Tantico chegar e muito menos entrar na casa grande. Ele era disposto, andava léguas por dentro do mato, ver bicho bruto a se espantar no leve mexer de uma folha - uma folha não se mexe à toa - mas, na verdade, ele não tinha medo de nada, só se escondia da lei. Agora, no caso de se gabar, quando tinha ocasião precisa, ninguém se encostava ao pé dele. Trazia no corte de desconfiado e se escorava de costas para a parede segurando as palavras no falar de seu faro-fino e da astúcia no trastejo de rastejar. O Pedro do Tião, antigo conhecido do Tantico, recebendo dele umas nexas de confiança, confiança que ele Tantico não gostava de dar a fulano nenhum. Sobrava uma ponta para Pedro apostar a prosa de que ele no matar ou no rastejar, rastejava rastro de abelha a soltar asa no se agachar na flor. E mais, o danado do homem tinha ouvido de índio, sempre encostado no rente do chão, só ouvindo pra onde podia pender sua vantagem.

No descuido do tempo, nos braços da ligeireza, não é que Tantico já passou do corredor da casa, virada para o nascente, no conversar de rédea amarrada com o major Zuíno, do Engenho da Baixa Grande. Nesse palestrar, o Major despacha rápido a encomenda de serviço avexado na responsabilidade de Tantico. Todo formalizado, firmava contrato como se estivesse fazendo o negócio mais vantajoso desse mundo esparramado de canavial. Tantico não estava em pé, de pé logo ficou quando recebeu a licença do major, só andou uns passos medidos em cruz para confirmar o apumo do acertado. O acertado com dia, hora e a preferência na boca da noite, desde que fosse noite sem lua, nem mesmo uma luazinha velhaca de pequena... a tal de quarto minguante.

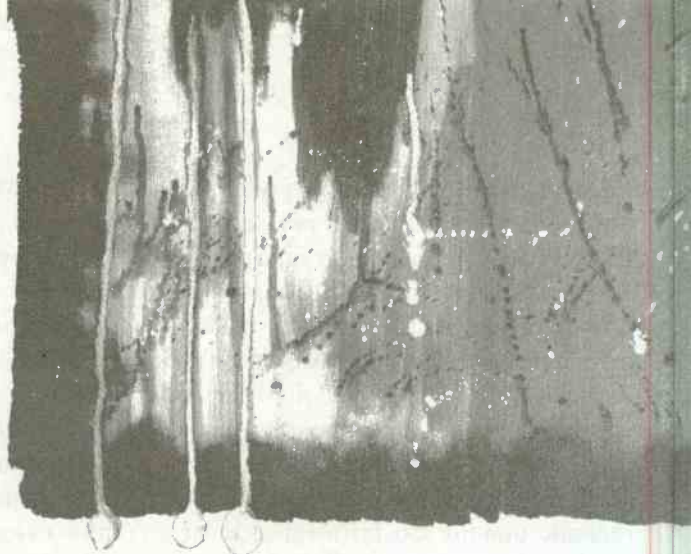
Tudo pronto para trabalhar, trabalho na empleita, Tantico num avexame danado, despediu-se do Major no abrir de um riso forçado de canto de boca. E, logo, começou a imaginar: "Quanto tempo vai demorar a armadilha que o diabo me ensinou a armar?" O Tino embaralhado, lembrou-se do Zeca poeta, no desmanchar-se na feira no cantar romance de história de se preparar tocaia nas dobras das estradas do sertão. O sertão do criatório de gado, das miunças, resfolegando no sofrimento da seca e da emboscada; nunca escapava vivente nem pra contar história. Uma tocaia não pode durar uma eternidade, Tantico pensa, pensa, nessa demora, às vezes, a presa escapa com vida. Tem o caso de muita sorte da caça, danada pra escapulir do caçador distraído ou como barbatão quando se arranca no fugir de vaqueiro ruim. Coisa que não dá certo pro meu lado. Errar tiro nunca, se me destrambelhei nesta vida, resolvo e mato logo, mato primeiro o medo dentro de mim mesmo, depois me agarro firme no trato feito com o major Zuíno. Nesse ponto ou morre a encomenda ou morre o Tantico que não é morredor de nascença. E sendo assim, é melhor quem já estiver encomendado. Certo estar, pra que pensar em asneira? Neste ofício de pegar vivente em tocaia, nunca me dei mal, só boto a mão na orelha pra ouvir a queda do corpo no estrebuchar de querer viver, quando acordo outro tiro para completar o estrupício. Trato para mim é nó-cego dado em relho-cru. Sou sabedor que em uns serviços de muita exigência, o patrão pede serviço bem feito sem nenhum sinal de arrependimento. Moleza passa longe desse meu negócio. Para arrumar a prova, em palavras de homem acostumado no trastejo do ofício, pego da faca, corto a orelha do desinfeliz e boto num vidro preparado e especial, assegurando sem tristeza a paga do resto do

dinheiro que o major ainda me deve. Já sei que o major Zuíno é danado de exigente no trato dos compromissos. Com ele o que se quer fazer é pra fazer no avexado dum segundo. Ele nem quer saber que a pressa pode atrapalhar o caçador. A caça também tem faro no mistério de se defender. Certa vez, o major em conversa no alpendre com os caboclos, em noite de luar esperando um martelo de viola, costumava dizer: "Ninguém escapa de tocaia boa! Pontaria certa! É tiro e queda." Tantico não puxa conversa, pega o fio da meada, volta ao caso do caçador, caçador bom vigia tudo sozinho, só se serve apenas do adjutório do ouvido, e sente até a presença de onça pintada na traição do pulo pra trás no inesperado da ocasião. A tenência do caçador conhece a ciência dos bichos. Ele não se mexe, ali na espera... teso sem se bulir. Quando a caça chega, a espingarda parece dançar no ar e vai andando na ligeireza de chegar na frente. No arrumado desta história na minha cabeça, uma história atrás da outra sem parar, não solto meu rifle nem pra fazer negócio com os santos do céu. Meu rifle é milagroso, dele sou escravo, como sou dos meus tratos de tocaia. Sem querer, disse para mim mesmo: Não se mexa Tantico, cristão nesta tua labuta, a vista não se pode truar na sombra em corpo de vulto, senão pode perder a bala nos ermos do nada. Tu tá vendo mesmo se é encomenda, a encomenda do Major? Capricha os olhos Tantico, tange o feitiço de teu olhar afoito. Olha o prumo da mão. Virgem Maria, jumento preto é bicho bruto, não é homem. Bota vaga-lume na mira deste teu rifle. E bota ordem em teu juízo, chegando a hora não é pra escapar nem calango passando perto da tua arma, no alcançar combinado com as terras de cem léguas de distância. Nem pense que a encomenda não merecia tamanha maldição. Merecer, merecia! Tudo está escrito no papel do destino. Destino de homem condenado não se deve mudar. Encerrar a conversa e entregar a alma do oferecido às rezas sem fim de dona Conceição do choro fundo. Ô mulher rezadeira, carrega um olho d'água na vertente de lágrimas nos olhos. Ela chora pelo espírito ainda entranhado no corpo. Espia Tantico, e arrocha a cilha da precisão. Devagar pra não estragar o tempo; deixa o diabo armar o laço. O satanás é certo. Todo cuidado é pouco, não se avexe pra não comer a caça crua. O fogo, o sal e a munição não podem faltar nos aviamentos da vida. E de Deus tu não te lembrás mais... No caso da decisão, entra seguro, Tantico, no capão do mato, a forquilha pronta para o rifle sossegar, lembrar é bom, as folhas das árvores têm que cobrir a ponta do teu nariz, nenhum pedaço do teu corpo fique de fora, nada pode



ser visto, nem o cano do rifle pode aparecer. O teu alvo, tu sabes, tem um bom tamanho e ainda por cima vem montado na burra Estrela, afamada de equipadeira, na volta por volta de muitas léguas por dentro das veredas deste canavial. Errar o tiro... nem pensar. Nunca anotei erro de tiro no meu caderno de matar. Já tenho escrito por lá, se não me trai o quengo, trinta e quatro falados de desaparecidos deste mundo sem deixar rastro ou perigo de voltar em desassossego cego de querer viver. E fato é que meu rifle já está na prontidão do ponto para fechar trinta e cinco, conta mais fechada na tabuada das minhas empleitas. Meu propósito vai pra casa de inteirar cem falados de morto, número redondo que me satisfaz no abandonar esta minha vida de tribulação sem fim. Não tenho dúvida, vou acertar por completo na encomenda do major Zuíno, levo jeito para o negócio. Quem não tem prumo na pontaria deixa de lado o rifle na procura de aposento. O ofício não brinca, exige cabra homem com mais de uma parelha de cunhão em cada saco, sendo rápido no trastejar da arma. No despenhadeiro, o cabra tem que sentir gosto de sangue correndo em rego na goela. Ah! Tantico, já começo a ver urubu no pasto e traçando a parte melhor do corpo do desalmado no rasga-rasga da desgraça. Estou sabendo que um dia respondo no altar de Deus, na prestação de contas dos meus serviços feitos, levado pela mão do diabo, na labuta da espingarda. De nada me arrependo, quem tem pauta com o inferno não se ocupa com dor de cabeça, pensando no céu lá de cima, o céu é mesmo o daqui de baixo na terra da poeira de pés no samba de fêmea no vício do cio, onde se vive o gosto de matar. Pára de conversar, Tantico, quem conversa sozinho arrisca de chamar o mau pra perto de si. A hora vem chegando e quando a encomenda chega, chega toda desprevenida se debulhando na sela da burra Estrela, a esquecida testemunha que se pode ouvir, mas nunca a natureza ensinou a falar. O preparo entra na conveniência, segura a respiração, amarra o fungado nos buracos do nariz. Abre a vista como se fosse um relâmpago em noite escura, no leque da palmeira. Sustenta o rifle sem nem de leve tremer no comprido do braço no eito da mão. Tu sabes, mão de macho não treme de medo! Bota tua arte no gatilho, não deixa o dedo escapulir. Toca fogo no mundo e deixa a fogueira queimar as beiradas do capim seco da terra e a brasa virar festa de cinza. O tiro tem de ser seco pra ninguém ouvir. Só um véu com cheiro de pólvora deve tomar conta do vento batendo nas folhas que se levantam um palmo e meio do chão seguido da ave preta voando em vôo simétrico no rumo da desgraça.

RAYMUNDO  
NETTO



44  
C A O S  
P O R T Á T I L

## Ode ao amor e à morte

Era noite, num pedaço esquecido do agreste cearense... As folhas da velha árvore descansavam adormecidas enquanto uma mulher deliciava-se com o frescor da pouca água daquela lagoa de areias brancas.

Um ousado observador caminhava descalço sobre as gretas secas do chão e, cortejando a mulher, arriscava palavras absurdas num instante de amor.

Num segundo momento, ele a via dançar um balé, pouco ortodoxo, ao redor de uma bacia de barro. Então, ela molhava seus cabelos lisos, negros, curtos e, com as mãos brumosas, esfregava o pescoço, suavemente, aliviando os suores.

Em meio a todo aquele deslumbre noturno já dava para observar-lhe os seios alvos, pequenos, bem torneados e os mamilos orlados em rosas. Sua pele era úmida e branca de leite, beijocada de inquietudes e sossego... Quanta vida contida naquele berço de pecadilhos viciosos!

Não havia vento, não havia frio, mas calor também não havia. O verde era xique-xique, era mandacaru, era agávea...

*O meu boi morreu. O que será de mim? Manda buscar outro, menina, lá no Piauí ...*

Mas, num inesperado sonho, veio à cabeça da mulher a idéia de casar. A noite findava, clareava-se a manhã ardente! Sol a pino, caçada a tejos!

Então, ela pensou sem muito pensar: Quem seria o seu par? Quem haveria de sê-lo, naquele lugar tão ermo e esquecido?

*Uma jibóia solitária arrastava um linguajar sem venenos...*

Um rei? Por que não? Teria um mundo de riquezas e serviços; desejos, um a um, satisfeitos; quem sabe arrastaria as asas da luxúria?... Mas teria tudo, mesmo? Um jovem vaqueiro não poderia dar-lhe mais? Talvez apenas um pouco de amor... Amor? Oxe, por que não? O amor ela não teria, mesmo em troca de seu maior tesouro! Convenceu-se, inebriada no licor do mel da jandaíra.

Um cão-cão solitário de arregalados olhos amarelos anunciaria o iminente perigo; as folhas cairiam; a mata esbranqueceria; os espinhos se retesariam e apontariam para o céu desestrelado!

O rei, num arremedo de si mesmo, ficaria furioso. Ameaçaria e travaria embates, numa peleja sem fim, contra o pobre aventureiro e ele, certamente, não seria páreo à altura da ira e dos golpes do cruel e sequioso rei.

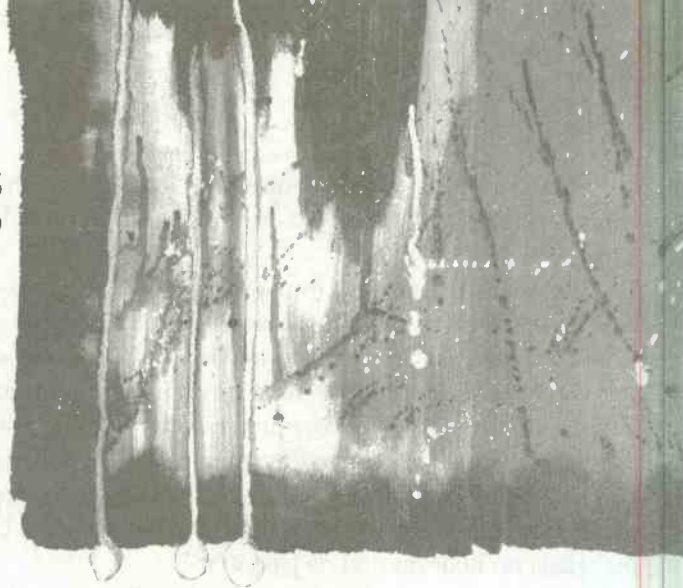
Naquele reino, já se sabia: quanto mais se tinha, menos se contentava em ver a felicidade por tão pouco.

Assim, o aventureiro, passados nele os maneadores, assistiria o amputar de seu orgulho, sendo severamente derrotado. Nada mais restaria para ele, a não ser a fuga logrativa da morte... Suicidar-se-ia! Os estilhaços de seu amor se esparramariam, cobertos em lama, no fundo de um caçuá de cipós. Um juazeiro, testemunho da iniquidade, triste se desganharia.

Mas ninguém pode, simplesmente, destruir o que um coração constrói! A moça branca de seridó não descansará enquanto não descobrir um meio, qualquer um, de separar a vida da morte e, finalmente, poder ser feliz com o homem que ela ama.

*Meu senhor dono da casa, faz favor de me escutar. Eu pergunto pro senhor se tem Reis para nos dar.*

DIMAS  
CARVALHO



46  
CARTÃO  
PORTÁTIL

## Algueres, Entrementes

A casa é grande, enorme, cercada por um muro altíssimo. No jardim, sentado em uma vasta cadeira, está o homem gordo, grotescamente gordo. O homem está de óculos escuros, tem um boné na cabeça, e é cego. Sua pose denota domínio absoluto, controle total do ambiente. A seus pés, um cachorro gigantesco parece cochilar. No colo, um gato branco de olhar perverso, que ele acaricia mecanicamente, de vez em quando. O único barulho é o rumor do vento que agita as folhas das árvores solenes.

Nos braços do homem, roliços, há uma âncora e uma flor tatuadas. Ele ofega às vezes. Começa a suar. Parece estar ficando impaciente. Mas as horas passam, e o que ele espera, não chega.

O sol está quase a pino. Debaxo da árvore, o cachorro também começa a se inquietar. Ouve-se o portão sendo aberto. Um segurança fardado, alto, pesado, botas pretas, de revólver à cinta, cassetete numa mão, conduz, quase arrastado, um menino de uns 8, 9 anos, magro, amarelo, assustado, os olhos grandes e lacrimosos. Tudo se passa como um filme mudo, ninguém fala nada.

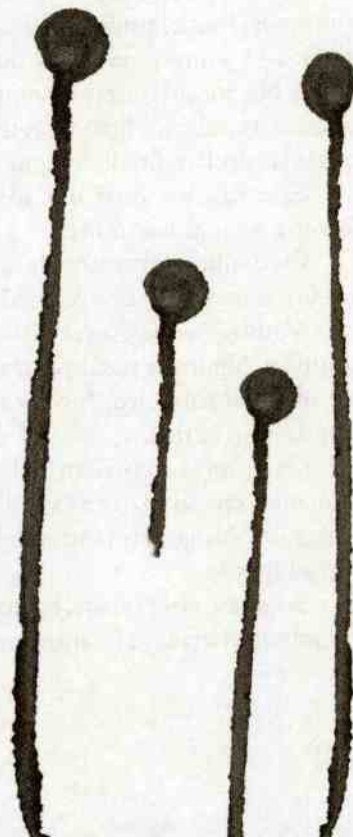
O segurança aproxima o menino do cego. O menino está visivelmente amedrontado com o cachorro, que rosna para ele, e baba.



O cego segura o gato pelo dorso e, num gesto rápido, o arremessa longe, o felino rasga o ar com um guincho de dor e susto.

O segurança entrega o menino ao cego. Ele o acaricia com ternura, colocando a mão sobre a cabeça. Passa a mão nos cabelos, puxa-o para mais perto. Com sua força descomunal, apalpa o garoto, apertando-o contra si. Da sua boca de réptil escorre uma saliva grossa, pegajosa, morna. Começa por quebrar e arrancar o braço direito do menino. Engole com pressa e gula, quase sem mastigar. Depois, o outro braço, as pernas, o tronco. O segurança, imóvel, acompanha a cena sem dizer uma palavra. A cabeça é deixada por último, só se ouvem agora os ossos do crânio sendo triturados. O cego arrotta, enquanto o segurança lhe estende um lenço, que é aceito e passado na boca ensangüentada. Junto à cadeira, o cachorro devora as poucas migalhas que caíram no chão.

Escuta-se, vindo não se sabe de onde, o miado triste do gato branco.



MAJELA  
COLARES

## Na Estrada dos Comboios

48 ANOS  
PORTATIL

Vento, poeira, sol, noite, ventos. À margem da estrada dos comboios, longe, muito longe, nos sertões do Boqueirão do Cunha, avistava-se sobre uma estaca de cera, uma ave negra, esquisita e sem canto. Na mesma estaca, sempre. Era uma visagem percebida por todos... tropeiros, ciganos, retirantes, forasteiros, que passavam nas cercanias do Riacho do Sangue.

Essa história ouvi dos mais antigos, quando menino. Penoso. Ternura de mal-assombros.

Os atalhos tortuosos de mistérios prenunciavam, a cada curva, sussurros de sombras e de medos.

Muitos, sequer, atreviam-se a olhar para o lado assombroso do caminho. Alguns se recusavam a passar sozinhos. Esperavam medrosos por um companheiro. No local a poeira e o vento eram constantes, sem destino certo.

Os rumores corriam pelos lugarejos mais próximos, entre os habitantes da estrada, e, a cada dia, aumentavam os presságios, agouros e arrepios. Ninguém jamais tinha visto ave semelhante em qualquer outro lugar.

Surgiam, aos poucos, boatos de que a ave mudava de cor, tornava-se embranquecida. Há anos era vista ali, negra, sempre negra, mas,

agora, ficava cada vez mais branca. Pessoas andavam léguas só para ver a misteriosa visagem.

Certa tarde, no rancho da oiticica grande, vizinho à Lagoa dos Cavalos, João de Zeca, comboieiro das bandas dos Tabuleiros do Ceará, ficou impressionado com a história contada por um companheiro, que lhe disse:

- João, conversei com aquela visagem. É uma alma penada. A alma de um velho tropeiro que viajou muito por essas veredas. Precisa de reza e que alguém se sacrifique por ela, para salvá-la de uma maldição. Pediu-me para passar um ano inteiro sem comer carne e contar, pelo menos, um mistério por dia. É esse o sacrifício. Estou cumprindo. Já se vão sete meses. Um mistério por dia é certo... dias, aqui e acolá, mais de um. Mas já vi resultado, está ficando alvinha, alvinha. Em meados de outubro faz um ano. - E com a voz mastigada e rouca, arrematou: - Não posso quebrar a jura... a visagem ficaria mais penosa ainda.

O mês era junho, fim de um inverno escasso.

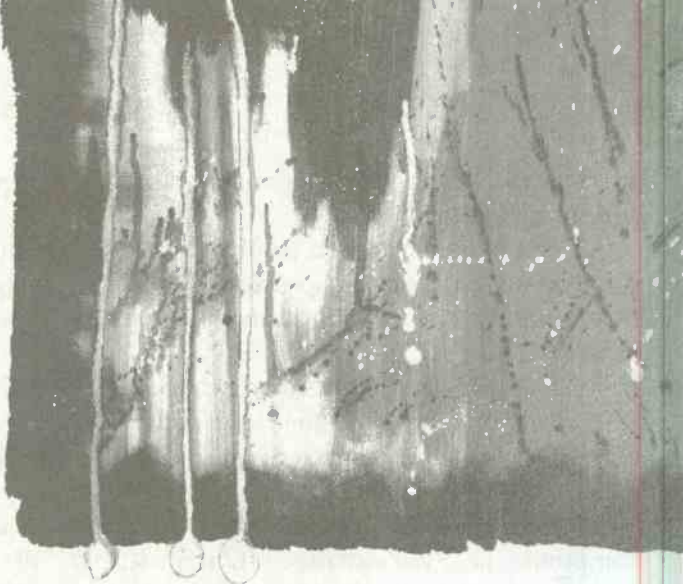
Naquela tarde, João ficou no rancho e o tropeiro - amigo de viagem pelas margens do Rio Jaguaribe - seguiu, com as primeiras estrelas, em direção aos Cariris.

Aproximava-se outubro e a ave, tão branca, parecia transparente.

A história ouvida por João de Zeca rápido espalhou-se e despertou a atenção de vilas longínquas. O número de curiosos era cada vez maior; crescia em procissão. Todos oravam e pediam por aquela alma penada.

Meados de outubro - manhã cedinho -, os primeiros que chegaram ao local, naquele dia, silenciaram de espanto: a ave estava mais negra do que nunca. Escura como a noite mais noite. Ouvia-se também um gemido profundo e triste de sofrimento ao longo do caminho... da poeira e do vento.

JOANA D'ARC  
ARAÚJO



50 ANOS  
PORTATIL

## O esplêndido crime de Genetriz

Aquele dia foi estranhamente sublime. Tomado de uma felicidade que, de tão intensa, mostrava-se inapropriada. Desregrada, sufocava e era conforto a um só tempo, porque era perfeita. De tal maneira extremada, anulava-se. Fazia-se desnecessária como o melhor dos pratos quando já não se tem fome. Não se precisava mais da felicidade. Sobejava estragando-se, culpando aquele que não podia contê-la, nem dividir... No entanto, as imagens tristes estavam ainda diante dos meus olhos. Dançavam selvagens como envolvidas numa irresistível ciranda.

Caía uma chuva fininha, quase não chegava a molhar, como se o céu, também quisesse prestigiar a senhora em seu fausto leito de flores, indiferente a todas as lágrimas. Fecharam rápido o caixão, olhei pra ela até o momento em que a última fresta permitiu vê-la. Eu não tinha medo nenhum. A fragilidade já não existia. Sumira sem resquícios, como encerrada na unidade escura da terra.

Morávamos naquele lugar há quatro anos. Já não se chamava assim naquele tempo, mas caberia chamar grupo escolar àquela trinca de casas emparelhadas, onde creche e escola vizinhavam uma residência pertencente ao mesmo dono. Na frente de tudo, um vasto terraço donde se via a rua e as outras crianças, a quem não podíamos juntar. A elas era tão proibida a entrada quanto nos era a saída. Digo que



morávamos porque, a pontualidade nos pagamentos nos permitia até dormir lá quando a mãe não chegava a tempo do trabalho. Fechava às nove. Tinha empregos nos dois turnos. Eram duas faxinas diárias que pagavam nossas contas.

Quase nunca dormíamos em nossa casa. A demora criava uma euforia que as horas iam adormecendo... Eu aprendi cedo sobre a inconveniência de uma insônia. Vinha sempre que eu só tinha a escuridão do quarto por companhia. Por outro lado, tinha os confortos do choro, ardência nos olhos, chamada ao sono...

Na casa, tinha uma menina na nossa mesma idade. Eventualmente aparecia na creche, pra festa nossa. Brincávamos a qualquer hora que ela tivesse vontade. Libertos da disciplina, éramos súditos deslumbrados da deusa menina. Tinha particularidades incompreensíveis pra nós. Nunca deixava-nos concluir a fileira de dominós derrubando-os antes da hora, ou calmamente recolhia os brinquedos de volta à caixa em que os trouxera. E ninguém brincava mais.

A creche pouco tinha que lhe identificasse como um espaço infantil. Nas paredes, os desenhos de animaizinhos esqueciam-se da cor. Esmaecida, a pintura era uma tentativa melancólica de alegria. Lembro de que me abandonava por longo tempo à parede arrancando cascões de tinta que deformavam ainda mais aquelas figuras tristes.

Havia uma saudade funda da minha mãe. Inexorável como todas as saudades verdadeiras. Agravada pelo tempo de espera, que é mais lento pras crianças. A saudade, eco de cada despedida, representava-a, como faz uma babá, assumia o intransferível.

Suas patroas costumavam mandar brinquedos velhos. Uma ou outra vez levávamos pra creche fazendo crer que eram nossos desde novos. Raros momentos em que a menina, usurária dos seus, era deixada de lado. A resposta a essa falta vinha por bocas adultas. Para punição nossa, a menina passaria alguns dias sem vir brincar conosco. "Vocês lhe causam febres emocionais!".

A menina tinha seu quarto e dormia muito cedo. Nunca nos via entrar. Também acordava muito tarde pra nos ver sair. Dormíamos no mesmo quarto das moças que cuidavam dela. Além dessas pessoas, havia na casa, as quatro filhas, todas solteiras, com pouco mais, outras pouco menos de quarenta anos. Eram professoras no colégio. Como brigavam! Poucas noites eram silenciosas naquela casa. Também havia um rapaz irmão delas e um casal de velhos, seus pais. A estes quase nunca víamos, sobretudo à senhora, que tinha uma saúde fragílima...

Numa noite fomos despertadas por uma agonia que assolava a casa. As senhoras, voltadas cada uma à própria aflição, choravam como crianças,

inflamando o horror daquela noite quebrada ao meio. Era assim a cada vez que aquela velha senhora tinha crises da doença que terminaria por vencê-la. No dia em que isso de fato aconteceu, as dores foram contidas e quase nada se sabia do que se passava lá dentro. Mas à noite, naquela noite em que implorei aos santos pra que minha mãe não se atrasasse, tive de enfrentar, cercado de prantos e agonias, um lustroso caixão mortuário no meio da sala. Um medo indescritível... Em bem pouco tempo uma aglomeração de pessoas bem vestidas tapavam a vista daquela peça enorme, aterrorizante.

Súbito, a voz de minha irmã, "a mãe!" pareceu-me tão incompreensível. Eu que já conhecia bem as palavras, senti a dolorida possibilidade de engano naquela frase. Durou o tempo de voltar o rosto na direção do que minha irmã já alcançava sem esperar por mim. Que valem todas as palavras do mundo juntas? Era ela. Era minha mãe que chegara. Tomamos radiantes cada uma de suas mãos, talvez a primeira divisão que satisfazia a ambas, sem qualquer arenga. Ela tinha duas filhas e duas mãos. Pode-se exigir mais alguma coisa da vida, uma vez tocada por tão doce lógica?

Nós, devidamente acolhidas e consoladas, captávamos cada detalhe daquela cena triste. A menina chorava baixinho a um canto, assustada. Completamente despojada da magnificência dos dias comuns. A solidariedade desejava que minha mãe tivesse uma mão a mais..

Intimamente, com a franqueza que, quando a permitimos, só permitimos a nós mesmos, não ousava desejar nada além de que minha adorada mãe continuasse respirando por muito tempo. E ela assim o fazia inconsciente da inconveniência do que me proporcionava. Um contentamento extraordinário que me apanhou sem defesas. E que se instaurou como um torpor, um misto de delícia e culpa. Talvez eu não tenha vencido aquele sorriso que forçava rasgar-se em meu rosto à minha revelia...

Foi quando a menina notou-nos pela primeira vez. Deteve-se encarando só a mim como se não houvesse mais ninguém na sala. Fria como a própria cólera. Depois, chorou tão alto, de um modo tão arrebatado que expropriou a defunta da atenção que lhe era devida.

Aquilo parecia incoerente, desproporcional a um coração tão pequeno ainda... nós a olhávamos protegidas, cercadas dos braços da mãe. Alguém, soluçando tomou a menina nos braços dando novo tom ao drama na sala. E os pequenos grupos que já se formavam aludiam às febres emocionais...

Genetriz, de seu lugar, sequer desconfiava ser a causadora daquela comoção.



LUSTOSA  
DA COSTA

## A Máquina de Costura

Na sala de visitas do "Rendez Vous des Amis", Manuel Florêncio Borges, fazendeiro esperto e bem informado, se distrai, enquanto espera o pagamento duns queijos, vendidos à dona da casa, conversando com Ataliba Teixeira, sob o olhar e os ouvidos atentos de Ricardo Silva. Fala de mais um defloramento, atribuído a Romão Patriolino de Albuquerque. A moça é filha de Gabriel, o carpinteiro, que lhe presta serviços avulsos e que, ao saber do acontecimento, a expulsou de casa. Ataliba defende o cabo eleitoral conservador, em voz baixa, de olho no corredor, temendo o inesperado aparecimento de Olímpia Catingueira.

"Ele, pelo menos, dá um meio de vida às moças. Já é alguma coisa."

"Não sei disso, não. A filha do Gabriel teria ido pra zona, se minha mulher não tivesse ficado com pena dela e não tivesse lhe arranjado um cantinho lá em casa."

"Pois, ele dá a todas elas uma máquina de costura. É uma espécie de indenização. Umas se tornam costureiras. Outras torram a máquina e gastam o apurado em besteiras."

"A maioria termina é na zona mesmo."

Ricardo Silva, com uma gargalhada sonora, intervém na conversa:

"Pelo que estou vendo, o Romão Patriolino vai terminar sendo o padroeiro da indústria de confecções de Sobral."



Semanas depois, Ataliba vem pela rua da Aurora quando vê o Gilberto, à porta da loja da Singer, colocando, com a ajuda do caixa, uma máquina de costura em sua carroça, amarrando-a com uma corda para que não caia. Imediatamente interessado, pára e imagina se tratar do resultado de mais uma diabrura de Romão, o que confirma quando ouve Dona Gerviz Apoliano comentar, antes de fechar a janela e se recolher ao interior da casa:

"Deve ser mais uma vítima do Romão."

É o bastante para Ataliba se dirigir ao gerente da Singer, Francisco Querubim, e crivá-lo de perguntas. Ele, intimidado, temendo ser visto, justo naquela ocasião na companhia do fuxiqueiro da cidade, repete:

"Só sei que o Romão é um moço distinto e um freguês muito correto."

E nada mais acrescenta. É simpático aos democratas. Acima, porém, de suas simpatias, está a proteção de seu melhor e mais assíduo freguês.

Ataliba, vendo que daquela mata não sai coelho, trata de tomar o rumo da Rua Senador Paula para onde dobra o carroceiro a quem logo aborda:

"Oi, amigo velho, para onde se bota?"

Gilberto que, de cabeça baixa, o pensamento distante, segura o cabresto do burro, responde mesmo assustado:

"Vinha distraído, tentando fazer, de cabeça, as contas de uma entrega, que nem notei que você estava por perto."

"Estava longe, mas agora estou perto. E você, amigo velho, está indo pra onde?"

Gilberto, evidentemente, não quer conversa e Ataliba o percebe. Segurando, de leve, o carroceiro pelo braço, insiste na pergunta:

"Oi, Gilberto, me diz então quem comprou a máquina?"

"Eu sei lá. Pergunta a seu Querubim."

"Mas a dona Gerviz não disse, na hora em que você estava saindo, que era coisa do Romão Patriolino?"

Gilberto estremece, diante da revelação, mas logo se controla e volta ao natural.

"Pois bem, então pergunte a ela."

"Tá certo, Gilberto. A máquina foi comprada pelo Romão e ele fez muito bem. Acho ele caridoso com essas moças que vêm se oferecer."

Gilberto o ouve, silencioso, sem fazer qualquer gesto ou comentário.

Ataliba insiste:

"É longe onde você vai?"



O outro, fitando, intencionalmente, Ataliba e sua perna manca, tenta fazê-lo desistir.

"É longe, muito longe. Você vai se cansar."

Ataliba é, porém, tenaz na perseguição de seus objetivos. Vai onde for preciso, até as Pedrinhas, ao outro lado do rio, a Timbaúba, a Santo Antônio do Aracatiagu, se preciso, somente para saber quem vai receber a máquina. É o que faz. Sobe a Senador Paula, transpõe a Praça do São João, percorre toda a Cruz das Almas, chega até o Alto das Pedrinhas, fim da jornada. E lá se vai o carro de boi, levando a máquina bem amarrada para que não desabe no chão irregular. E máquina lá em cima sempre dando a impressão de que vai cair no chão quando o carro passa por cima dum lamaçal ou duma ondulação do terreno.

À tarde, está cheio de calos, eufórico, porém, por exibir seu troféu, à porta de *O Equilíbrio*.

"Custou, doutor Aristeu, seu Júlio, seu Evangelista, mas descobri..."

"Descobriste, o quê?"

"Descobri."

"Deixa-te de mistérios. Desembucha a novidade."

"Agora, sei de quem é o último cabaço que o Romão derrubou."

Aristeu, incapaz de entender a cabeça do fuxiqueiro, tem o ar de quem quer perguntar: em que isto me interessa?

Ataliba desfia, então, a novidade:

"É uma mulatona, filha do Raimundo dos Santos, um negro forte, filho de escravos que mora nas Pedrinhas mas vive a maior parte do tempo na Serra do Rosário, cuidando de suas plantações."

"E que tal a negra?" quer saber evangelista.

"É uma mulatona risonha, de muito peito, bunda grande, uma cara pedindo pica, mas muita pica mesmo, doutor..."

Ataliba sorri largamente ante a atenção dos interlocutores. E prossegue:

"É uma dessas mulheres que comparo a uma feijoada."

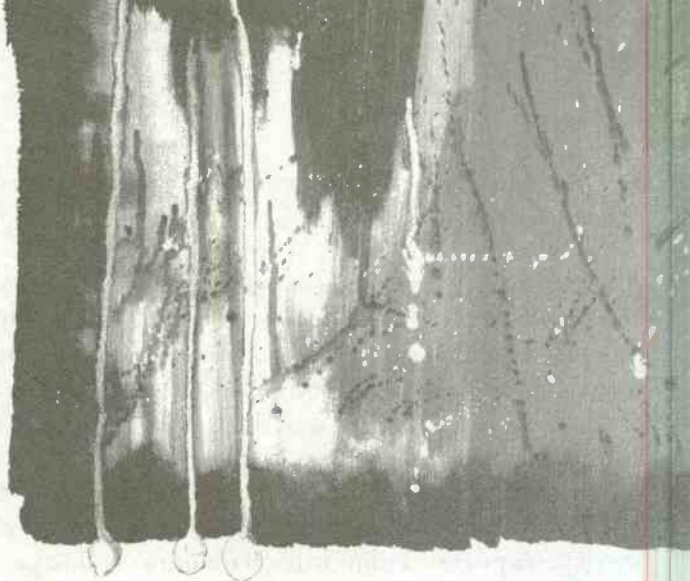
Júlio Aragão mostra certa curiosidade e ele desenvolve a metáfora:

"Grosseira como uma feijoada, com muito rabo, lingüiça, paio, toucinho, prato pesado, mas gostoso..."

A comparação não desperta maior interesse. Ataliba tenta fazer outra piada que também não agrada:

"Temos de casar o Romão. Se não, ele torra as vacas todinhas em máquinas de costura."

LUÍS  
MARCUS  
DA SILVA



56  
CAOS  
PORTATIL

## Iniciação

*Ah, meu Deus, o que é que vou  
escrever? Como dobrar estes tendões da  
minha arte em cima de que bigorna?*

**Jack Kerouac**

No princípio era o Caos eu não quis ser o Caos nem nada. Só queria estar ali, sempre ali. Flutuando imerso na própria consciência sem interferir no nada. Um dia vieram as cobranças, ordens vindas de não sei onde. Ondas fluindo sob o azul que ressoava.

Ignorei e continuei ali sem devorar nada. Me mandaram escolher: ter uma pele, possuir uma textura. Era essa a ordem. Ordem suprema. Disseram para não desobedecer. Falaram de punição. Eu não podia mais ser o que era. Tinha que ser algo. Pisar flores, comer corações de pássaros. Só que eu não sabia o que eram tais coisas. Continuei ali sem a menor intenção. Me falaram de uma tal de dor. No mais, ignorei. Me falaram de um tal de sofrimento, me encolhi. Forçaram no que devia ser o meu centro, o meu chakra, o seja lá o que for que só as

ordens entendem. Disseram para escolher, jogaram na minha frente: insetos, pedra, flor e fera. Depois de muito relutar me mostraram a tal de dor. Contorcido, mal disse ao azul de que eu mais gostava.

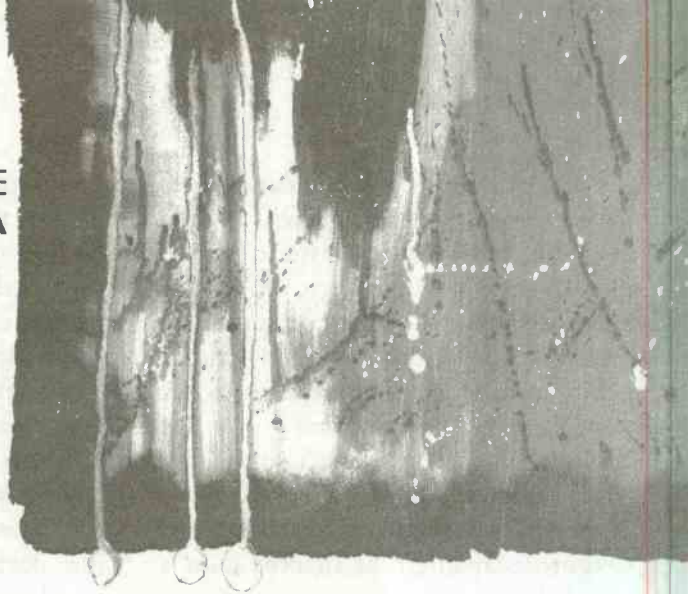
Depois veio um branco, um cinza, coisas que eu desconhecia. Aí então foi como se a ordem suprema me impulsionasse. Depois saí de uma coisa que me disseram ser o líquido. Vi o vapor, me fizeram beber neblina. Me deram uma outra consciência. Me batizaram no elemento chamado fogo e me fizeram provar a lux. Me deram textura, pés e voragem. Me deram um coração, árvores... e eu ali sem nada entender. Me disseram que agora eu era parte do Caos, que o sangue que em mim corria e me fazia sofrer. Daí então comecei a gostar. Correr contra o vento e apanhar os insetos com as mãos, desarticular cada membrozinho e enfiá-los no que disseram ser os dentes.

Me deram rochas, o lago para refletir minha textura. Era bom meter os pés pela terra, agarrar um ou outro ser menor que eu e devorar-lhe e ler as entranhas. Me disseram que logo viriam outros iguais a mim. Mesma textura voragem e disposição de engendrar as mesmas traquinagens. Conheci o sol e viajei. Conheci outros iguais a mim, foi interessante o bafejar das narinas enquanto empunhávamos espadas.

O corte perfeito da lâmina, o sangue jorrando sob o céu e o sol. A dor era algo realmente perfeito! O combate, apesar de ser divertido, logo me entediou. Quis buscar outra coisa, algo que pudesse lutar sem o aço. Isso sem me destituir da espada. Então as ordens me fizeram conhecer as palavras. Me deram um reino delas.

Fazia com elas o que fazia com os insetos. Pulava no meio delas sem medo algum. Mirei-me em um lago de palavras, eu era elas e elas me rodeavam, e brincaram de ser eu por diversas vezes. Com o tempo aprendi a ordená-las. Aprendi a encher o cheio e retirar do vazio. Elas porém cresciam ao meu redor. Replicavam num movimento contínuo encheram a cena, encheram poemas e incharam no azul. Daí eu aprendi, bem muito depois, que elas todas era o que eu entendia por Dor!

NILZE  
COSTA E SILVA



58  
CARTILHAS  
PORTATIL

## Neste quarto a solidão

Neste quarto a solidão fala do morto, dos gritos, das unhas arranhando o espelho da cama, deixando marcas que verniz nenhum irá cobrir jamais. Neste quarto os cabelos dos meus braços se eriçam, quando sinto a sombra do velho avô morto, fazendo mímicas sepulcrais, dançando a balada grotesca dos mamulengos fantasmas. Mãos felpudas e caroscantes, pelo medo que me dão, acariciam meus cabelos e nos quatro cantos do quarto o silêncio responde com acenos apenas imaginados. O vento esfria e sibila na noite. A sombra circula, alvoroçada, geme e treme. Sinto não haver lugar para me mover dentro deste quarto, os gritos gravaram-se nas paredes e circulam pelo quarto todo em ondas sonoras que ocupam todo o espaço.

Na cama, o declive da forma do corpo do moribundo, que não se mexia nunca, apenas gritava em estertores contundentes. E eram gritos que atravessavam paredes e portas fechadas, alastrando-se noite adentro. Escondo o meu medo para não perturbar o fantasma inquieto. Parece não ter encontrado a paz que os gritos suplicavam quando tentava imprimir um resto de vida no ar, respondendo às dores do corpo que lhe alfinetavam o cérebro.

Neste quarto o morto deixou suas marcas e clama que não partiu. A colcha amassada, o declive da cama com a marca do corpo



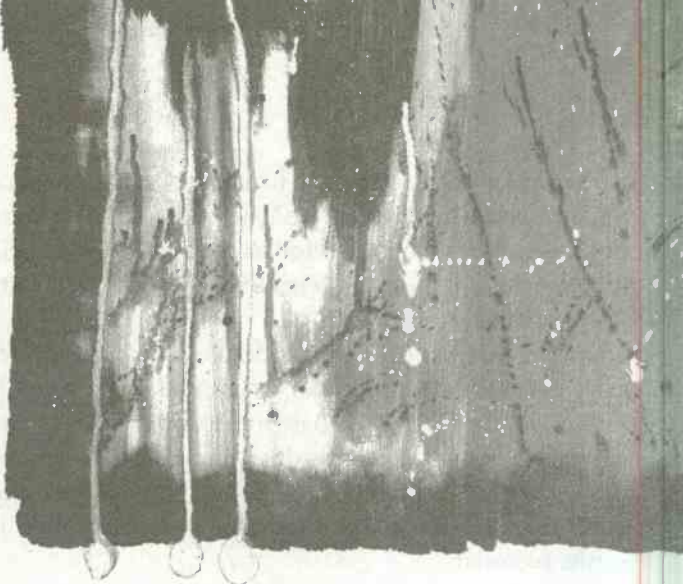
pergaminhado, o cheiro da urina que a água não conseguia lavar, deixam-me a impressão de que alguma coisa perdura, além da desintegração do corpo. As folhas espanando a janela nada mais são do que as asas dos mortos adejando lá fora, fazendo festa ao outro, em visita à antiga morada.

Que se fechem as portas deste quarto, que se deixe tudo como está, não toquem em nada, os mortos voltam, os mortos voltam saudosos e tristes. O quarto do morto, ainda mais quando moribundo, deixou impressa no ar suas dores, gravou no corpo pergaminhado a ferro e a fogo as dobras amareladas do colchão que o sustinha, o quarto de um morto é um templo, onde nas noites de saudades, ele venha recordar.

59  
A O S  
PORTATIL

O  
vento  
está  
sibila  
na  
noite.

FERNANDO  
SIQUEIRA



60 ANOS  
PORTATIL

## Biverô

É tarde da madrugada! O litro de aguardente em cima do balcão e a faca por trás da calça, a se atrever nos contornos da camisa, não chegam a chamar atenção. O copo está quase pela metade; assim como as portas do botequim. O dono do estabelecimento já avisou: fechará o bar às cinco horas da manhã, nem um minuto a mais nem a menos. Biverô parece não se importar muito com esta ameaça; nem com futebol; muito menos com os efeitos maléficos que o cigarro possa vir a provocar, assuntos que geram discussão acirrada entre os frequentadores do bar. Biverô está interessado mesmo é em beber cachaça; embriagar-se, como há tempos não experimenta. Aqui e acolá, fica meio pensativo. Reflete, talvez, a respeito de sua própria sorte. Ou, então, sonha com Zefinha, cabocla faceira, batendo-lhe coxas e levantando a poeira, ao som ligeiro de um forró “pé-de-serra”. A verdade mesmo é que, na situação de um preso em liberdade condicional, não deveria nem pensar em estar ali. Bar é lugar de bebedeira e bebedeira é sinônimo de embriaguez, que, amiúde, vem acompanhada de confusão.

Ora, de qualquer modo, é preciso deixar de lado a castidade para compreender direito o que se passa. Biverô nunca foi um homem santo. Caso contrário, não estaria na condicional. Nos autos da justiça, constam, contra a sua pessoa, duas condenações que o obrigam a 30

anos de reclusão. Afora estes, carregados sem nenhum sentimento de culpa, uma dezena de outros crimes diluídos em meio à impunidade. O fato é que depois de seis anos enclaustrado naquele mundo sem brilho, o homem não ia agora se transformar num protótipo de cidadão ordeiro, mesmo que esta tenha sido a intenção do diretor da penitenciária, ao lhe anunciar a liberdade:

- O juiz assinou teu processo, "Peça Ruim". Estás na condicional! No final de semana que vem tu podes sair. Olha lá, hein! Vou ficar no teu encalce.

Biverô engoliu seco. Na penitenciária, é assim, ninguém alisa ninguém. Ou por outra, naquele mundo impiedoso e inimaginável, está todo mundo tentando sobreviver. E com o diretor, não haveria de ser diferente; era preciso demonstrar poder. Assim, tentando claramente fazer valer sua autoridade, o homem cutucou, mais uma vez, a consciência de Biverô:

- Tu sabes rezar, "Peça Ruim", não sabes? Pois trata de te apegar com todo tipo que é de santo. Reza, sem trégua, para que não aconteça nada de errado ao teu lado. Qualquer problema, qualquer arranca-rabo de nada, não quero nem saber: meto-te na solitária.

Biverô permaneceu calado, ruminando a advertência malina do diretor. De qualquer forma, aquilo não o intimidou. No máximo, alertou-o da necessidade de se precaver. Fora das grades, se o céu existe, pelo menos a ele nunca se apresentou. Deveria, portanto, se esforçar para não recair na vida costumeira que o pusera naquela situação. Cá comigo, não sei se isto seria possível. Nunca passou por minha cabeça, imaginar o vulgo "Peça Ruim", o terror do Pantanal, se transformar assim em um cordeirinho manso e educado. É claro que isto não iria acontecer!

Por outro lado, Biverô não era um sujeito burro; melhor dizendo: quem se cria em meio a uma sociedade violenta e implacável como a nossa, onde não há espaço nenhum para a brandura, acaba por se tornar um indivíduo cheio de ronha e capaz de se desviar de tudo que é tempo ruim. Sem querer tripudiar, diria: o nosso sistema penitenciário, quando não está a transformar seus presos em fracalhões idiotas, desprovidos de qualquer sonho, está a transgredir a intenção do sagrado. O céu passa a ser de um encarnado medonho e o chão, coberto de pedregulhos ardendo em brasas. Biverô, diante desta encruzilhada, escolheu permanecer na tentação.

Pois bem, lá no botequim, ao lado da garrafa de aguardente, que repousa triunfante sobre balcão, já três quartos consumida, Biverô

deleita-se com uma panelada. Dizem, que não há melhor tira-gosto para cachaça do que a panelada. É como se o conteúdo extravagante do prato estivesse a revelar: tripa de boi é comida de gente espiritada; carrega no molho a excreção de tudo que é força do mundo. Biverô toma duas doses; uma atrás da outra. Entre gestos de puro prazer e o bacorejo esperto do ambiente, limpa a boca com o dorso da mão esquerda e dá uma cuspidada copiosa. Segue-se, mais um pouco de panelada, para contrabalançar os prazeres. Em seguida, devolve, com força, o copo vazio ao balcão. A agressividade do gesto denuncia, visivelmente, os efeitos da danada. Na mente, a figura execrável do diretor da penitenciária. Biverô trancafia o masseter e resmunga baixinho:

- Ô vontade grande de encontrar aquele filho da puta! Aí ele ia ver com quantos paus se faz uma canoa!

O sujeito ao lado, assim como quem tem muita intimidade e desconhecendo a trelice de Biverô, bate em seu ombro e pergunta:

- E aí, camarada! O que é que tu achas? O primo aqui está dizendo que tanto faz fumar um cigarro por dia como vinte. Está maluco, não está não, o sujeito?

Biverô responde àquela indagação inoportuna, com uma atitude um tanto quanto agressiva. Calado, aperta um cigarro de palha, acende-o e faz de conta que não lhe perguntaram nada. O sujeito fica assim meio sem graça. Examina Biverô dos pés a cabeça. Depois, olha para o dono do estabelecimento e faz um discreto gesto, como se estivesse a querer obter informações a respeito da identidade daquela figura abjeta. Sem dizer uma única palavra, inclina levemente a cabeça em sinal de total reprovação e deixa clara sua conclusão: o sujeitinho aí pensa que é o tal!

Biverô continua como se nada estivesse acontecendo. Por precaução, procura sua fãca. Ela ainda está lá, caprichosamente ajustada ao seu dispor. Cedo, a rua lhe ensinou que o seguro morreu de velho! Em seguida, pigarreia levemente, põe uma nova dose e, outra vez, começa a refletir. O sorriso malandro, que abre um brilho lúbrico em seu olhar, sugere algo de muito bom no pensamento. Com certeza, o corpo nu de Zefinha passeia por sua imaginação. Decide procurá-la. Olha para o dono do botequim, faz um leve sinal e pede a conta. Põe mais uma dose. No momento de vertê-la é interrompido por um sopapo inesperado que recebe nas costas. É o sujeito do cigarro novamente:

- E aí camaradinha! Tomando todas, hein!

Biverô olha-o assim já meio agastado... Não é que o tal tem uns trejeitos do diretor da penitenciária! O sujeito insiste com a questão do cigarro:



- Quantas baganas destas tu fumega por dia, fuleiragem?

Biverô esvazia a garrafa com a última dose, entorna-a de uma só vez, solta uma baforada no rumo do sujeito e dirige-se ao proprietário do botequim:

- Cidadão! Sirva aqui duas talagadas, no capricho, uma pra mim e outra pro pentelho aqui do lado.

O sujeito retruca:

- Hei, camarada! Você não está vendo que eu estou bebendo é cerveja! – e, olhando para os comparsas, emenda em tom de chacota – a mamãe sempre me disse que eu não misturasse bebida.

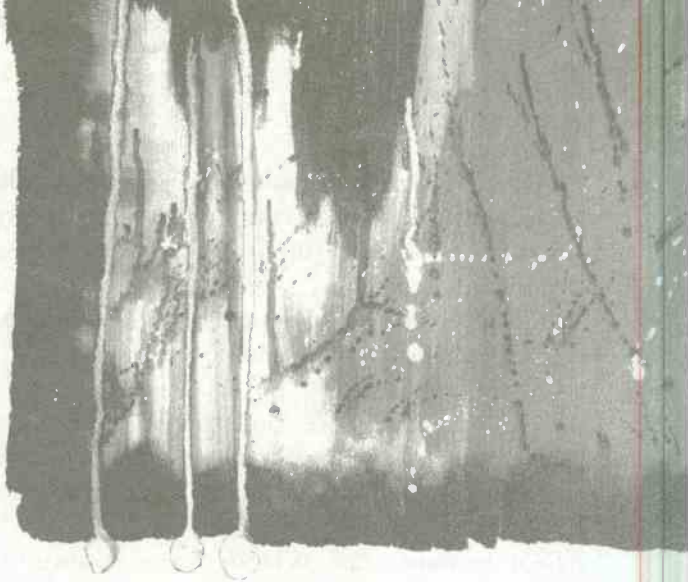
Sem demonstrar inquietação, Biverô se apruma todo, enxerga novamente o diretor da penitenciária naquela figura igualmente execrável e retribui a gozação, dirigindo-se, outra vez, ao proprietário do botequim:

- Além de queda, coice! Vivendo debaixo da saia da mãe, não é que o corno velho aqui do lado também é meio aveadado!

Foi só o Biverô terminar de falar, o tempo fecha. O sujeito salta de lá que nem um bicho, quebra a garrafa vazia nas beiradas do balcão e, de gargalo em punho, tenta atingi-lo. Numa fração de segundos, Biverô desvia-se com muita habilidade e, no instinto, crava-lhe a faca bem em cima do coração. Um dos comparsas do maldito falante tenta acertá-lo, mas também vai ao chão, com um golpe certo que lhe atinge o pescoço. É gente e sangue pra tudo que é lado. Em poucos minutos, o botequim se esvazia. Já ouvindo a sirene da radiopatrulha, Biverô olha para trás e não resiste: como nos velhos tempos, rapidamente vistoria as vítimas, “afana”-lhes alguns pertences e some madrugada afora.

Antes de amanhecer, Biverô já está no Pantanal. Salta alguns muros, cruza ruas estreitas e, silenciosamente, entra na casa de Zefinha. Passa por baixo das redes de seus filhos e, no quarto, encontra sua amada dormindo. O dia nasce inevitavelmente! Em cada barraco, correndo de boca em boca, a notícia inesperada: “Biverô está de volta...” “Biverô está de volta...” “Biverô está de volta...” Já, sol a pino, a esta altura com os rumores de sua fuga rondando a penitenciária, Biverô lambe as coxas de sua cabocla e, extasiado, cheira os próprios dedos, impregnados pelo gozo de Zefinha.

URIK  
PAIVA



64 ANOS  
PORTATIL

## Nabokov in backwoods

Numa noite de chuva, a menina fugiu de casa.

Três vaqueiros foram chamados pelo senhor Senhor para procurá-la. O primeiro percorreu os pastos do leste, empunhando uma tocha de cedro. O segundo se meteu pelas terras rochosas do sul, cachimbando jurema. O terceiro fingiu que procurava e se deitou sob uma árvore frondosa.

Três irmãos passavam pela estrada quando encontraram uma mulher de sangue deitada sobre a terra pisada.

Um cavalo passou por detrás do pasto cercado e soltou um mugido de esperança.

O senhor Senhor chorou, chorou, na noite em que a chuva cessou.

Três dias de busca, a menina foi encontrada admirando a paisagem bucólica das pedras gêmeas do Alto do Sobrado.

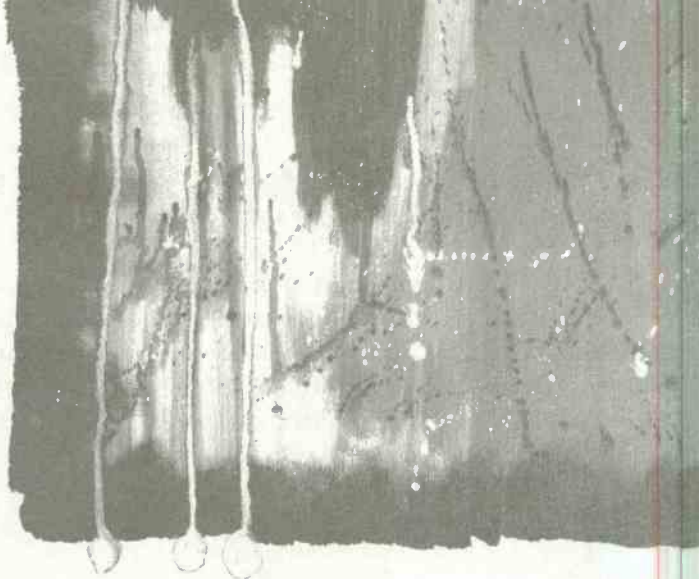
Foi levada a tapas para casa. Estava calada, calada ficou.

A mulher do senhor Senhor bordou um vestido para a filha, o único que a menina usaria por toda a vida.

Quando noite, o senhor Senhor espreitou a menina pela fresta da porta, sete dedinhos de coxa cobertos até a virilha. Sentiu um frêmito. Logo queria por a mão naquelas pernas. Temeu que os gritos de dor invadissem os ouvidos das cabras e ovelhas da Casa Grande. Cético, calou a mulher e deixou que os gemidos pueris ganhassem a noite fria do sertão.

rcorreu os pastos  
este, empu-  
ando, uma tocha  
ceiro. O  
quando se meteu  
as terras  
coisas do sul,  
chimbando jurema.  
terceiro uniu  
e procurava e se  
flou sob uma

PAULO  
DE TARSO  
PARDAL



66 ANOS  
PORTATIL

## Três Notícias de Jornal

*no que*

A raiva nunca cedeu, nem a deixou em paz um só segundo, depois do murro, no meio do rosto e da festa, só porque ela cumprimentou, com dois beijinhos, um primo que viera de longe, eram muito chegados quando pequenos. Não houve mais confusão porque o primo não era de briga, e, apesar do marido, todos queriam ver a festa continuar.

Só pode ter sido a raiva, que virou ódio, e que se transformou em vingança que ela nunca planejou, e, agora, passados tantos anos e outros tantos descatos, era preciso cumprir o que de dentro vinha crescendo, crescendo, até o ponto de explodir com muito mais força do que ela própria, MÔNICA JACINTA BARROSO da CRUZ, que fechou as janelas do apartamento onde morava com ele, encalçou toalhas e lençóis em todos os buracos que ainda fora capaz de enxergar, embaixo e acima das portas e das janelas, deixou abertos todos os bicos de gás do fogão de 6 bocas (inclusive a do forno), tudo medido, tudo contado, tudo relogiado, até a hora certa de ele chegar e a de ela sair antes de.

No que ele acendeu a lâmpada.



*essa sua*

Há tempos, gIORDANI sATURNINO de aBREu não acreditava mais em nada e, a partir de um certo dia, passou a ter medo de tudo, até de tomar banho (a mulher não suportava isso), de almoçar, de dormir, nem a uma simples notícia do Jornal da Globo, ele podia assistir, talvez até não tenha se admirado quando a mulher passou a sair diariamente de casa com uma caixa lacrada (ou um saco plástico bem enrolado), que ele julgava ser as coisas dela, uma calcinha, uma muda, uma saia, ou alguns presentes de aniversário, e, até mesmo, o único blazer, que fosse.

Talvez ele também não se tenha admirado quando sOCORRINHA, numa dessas tardes de domingo (dia terrível), com outra caixa lacrada (e quando ele percebeu já não havia caixa nenhuma em casa, nem para um simples sapato), disse-lhe, Eu vou embora, não agüento mais catar suas roupas pelo meio da casa, nem olhar para essa sua cara lambida de quem está com pena do mundo e de si mesmo. dAn, você está fedendo muito, adeeeeeeuus! (e foi um adeus alto, grosso, gritante, alongado, gargarejante, quase infinito), e bateu a porta com tanta força que gIORDANI sATURNINO de aBREu, durante 2 meses, passou a dormir (e dormir é força de expressão) com algumas cadeiras escorando a porta, porque não conseguia coragem para sair de casa e comprar uma nova fechadura.

*nos peitos*

Uma enfermeira, que estava na platéia assistindo ao show, correu e desabotoou a camisa do velhinho e afrouxou o cinturão das calças dele. Em seguida, num gesto automático, rápido e preciso (como se tudo tivesse sido ensaiado, uma simulação de salvamento do Corpo de Bombeiros) ela começou a fazer massagens no peito dele. Contava até cinco, parava, aproximava-se para ver se ele estava respirando e soprava três vezes na boca dele. Repetira todos os movimentos, nessa ordem, maquinalmente, umas 8 ou 10 vezes, estava exausta, suada.

Ele pedira ao grupo para tocar uma música, estava ali de passagem, era do Rio Grande do Sul e, por acaso, estava com o violino em cima da mesa, Minha esposa é aquela velhinha ali, segurando o estojo.

Na terceira música (foi muito aplaudido quando tocou Brasileirinho) caiu bem nos pés do pandeirista, como se tivesse levado uma rasteira de um capoeirista invisível. Agora, a enfermeira teimava em dar massagens nos peitos dele, e o vento que ela socava goela abaixo.



BATISTA  
DE LIMA

68 ANOS  
PORTATIL

## Quitéria

Quando o dia ainda era criança, Quitéria abriu a porta e engravidou de paisagem. Lá na baixinha do nascente o sol pedia licença através de suas pálpebras de ouro. Era uma paisagem tão linda que ninguém queria se mexer para que Deus completasse a aquarela.

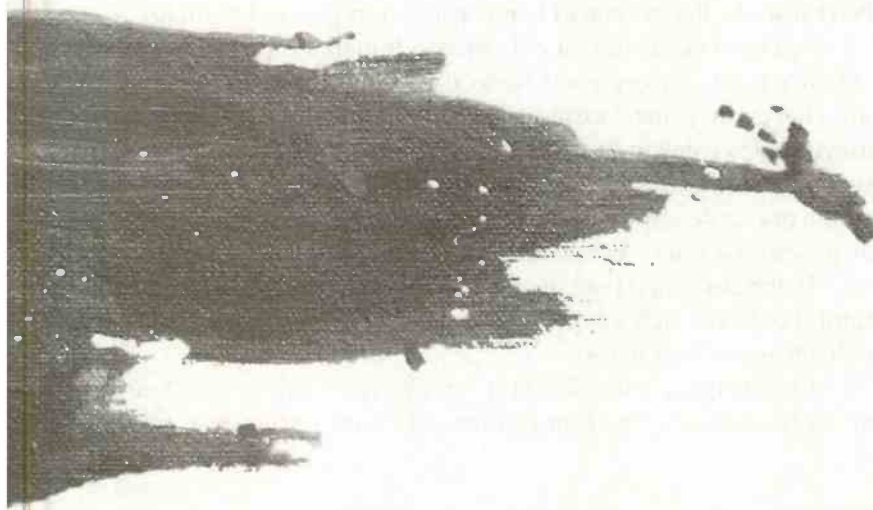
Quitéria entrou para a cozinha já certa de que não estava só e em vez de uma, fez duas tapiocas e duas xícaras de café. Estava em companhia, apenas não via. E pôs a mesa com requinte, com duas cadeiras aproximadas. Vestiu o melhor vestido e foi abrir mais a porta para que o criador de paisagens viesse reinar em sua mesa. Que ele falasse alto, pigarreasse, trouxesse um cheiro de terra, um suor pingado e esterco de vaca nas pontas dos dedos, e uma cuia de leite mungido, e a mansidão do boi do terreiro, e a macheza do touro zebu para depois completar a feitura daquele ser que foi gerado no abrir da porta da manhã.

Quitéria abriu-se toda em ternura e engoliu o café e a tapioca, e o sol já taludo, e a serra com ressaca. Engoliu o céu azul, a água do açude e o primeiro canto da seriema. Depois de tudo trazer para si, sentiu que outro mundo se acumulara no seu eu, que outra boiada se refazia, que o pé de muçambê florava cheiro e o alecrim recendia ternura e uma abelha pedia licença para chegar com seu enxame e

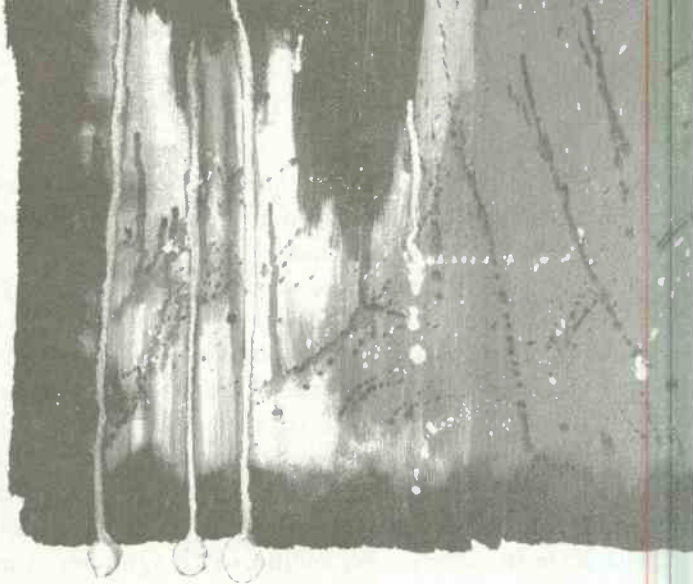
completar a celebração. Foi aí que a aroeira altaneira no oitão direito, derramou suas folhas sobre o chão, completando um tapete verde para Quitéria refazer o mundo.

Teve um galo que cantou lá fora, mobilizando o galinheiro para assistir ao sermão que a natureza fazia. Quitéria sentada no chão fez menção que não via. Fechou os olhos e deixou-se possuir pela sinfonia.

Tudo parecia perfeito, perfeito, mais que perfeito. Aí rompeu um trovão, uma nuvem escura no céu, armada de relâmpagos e coriscos. Era Malaquias que chegava no fastio de Quitéria. Era Malaquias que trazia numa bandeja de feitiço, um outro mundo ainda mais príncipe para colocar em Quitéria e provar que os dois a quatro mãos fariam ainda coisa melhor. E aí Quitéria entrou nas águas daquele olhar, mergulhou e foi tragada num naufrágio Malaquias e ficou nas profundezas presa, apenas para parir eternidades, sangrias sangradas e sagradas.



PAULO  
AVELINO



## O Príncipe do Chapéu de Palha

70  
CASA  
PORTAL

Florestas do Maturipe, Bahia, ano de 1840

François Ferdinand Philippe Louis Marie era Príncipe de Orleans, Príncipe de Joinville, filho de Luís Felipe, rei da França, e descendente de Luís XIII. Comandava o La Belle Poule e trazia a bordo as cinzas de Napoleão da ilha de Santa Helena para seu repouso definitivo.

Apesar da origem real e da missão imperial o príncipe resolveu sair incógnito. Ancorou seu navio na boca do rio Paraguaçu. Botou um chapéu de palha, vestiu uma camisa curta que dava liberdade de movimentos e pegou um bote e subiu o rio com amigos. Dedicaram-se a matar antas e veados naquela mata grossa, o Príncipe se deliciando com o prazer de ser um mortal comum. Correram, riram, gabaram-se de proezas de mira e coragem.

Voltavam para o bote quando duzentos homens bloquearam seu caminho. Fuzis, facões e cara de quem não quer fazer amizade. Quase todos negros ou mulatos.

O príncipe mistura decepção e resignação principescas. Seu ardil de nada adiantara. Era fora reconhecido como príncipe e como tal



seria festejado e paparicado. A prova era aquela guarda de honra que alguém mandara em sua homenagem.

Não era bem isso. Os moradores do lugar acharam que aqueles homens armados e com uniformes esquisitos eram fugitivos da prisão de Salvador.

O Juiz de Paz de uma cidadezinha os comandava. Deu voz de prisão aos fugitivos. Os franceses reagiram. Seguiu-se uma pequena batalha na qual os oficiais levaram algumas pancadas. O príncipe agarrou o juiz e utilizou o próprio como escudo para não apanhar também. Destroçou o idioma de Camões mas disse quem era e quem eram aqueles que o acompanhavam. O juiz respondeu:

- Não pense poder me enganar, meu filho, eu sou do campo é verdade, mas eu sei perfeitamente que os príncipes não andam pelo mundo vestidos de casacas curtas e de chapéus de palha.

Depois o quiproquó foi desfeito. Não se sabe se o príncipe voltou a passear incógnito.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> VERGER, Pierre. *Notícias da Bahia de 1850*. 2a ed. Salvador: Corrupto, 1999. 240p. (Coleção Baianada, vol. 1). Trad. Maria Aparecida da Nóbrega. p.134-135.

LEO  
MACKELLENE



72  
CARTAS  
PORTATIL

## A estrada infinita

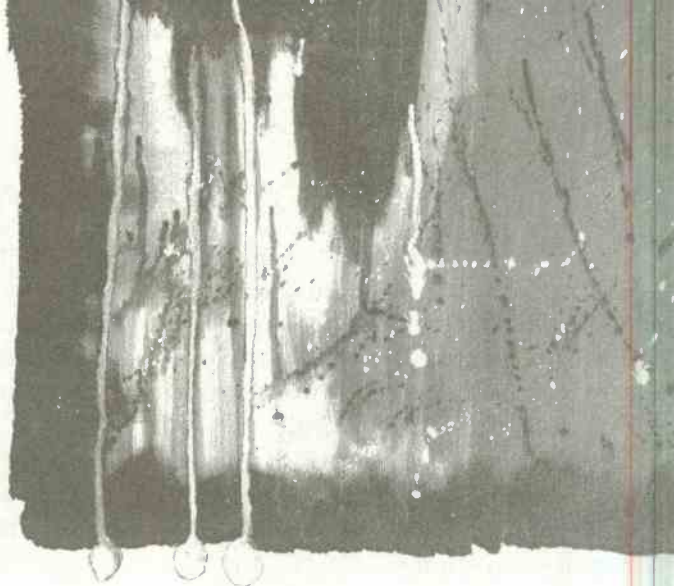
O retorno à cidade natal e o pensamento nascendo na sede do que ainda vem por aí. Tudo bem? Pergunto cinicamente à senhora do balcão da lanchonete na rodoviária. Ela sorri, tem cerca de cinquenta anos e me responde com um aceno de cabeça que eu interpreto como se dissesse, Tudo indo!

Tudo indo e a força de tudo querendo que a gente vá junto. Mas não se pode ser nômade sem ser solitário. "lonely but never alone" toca na rádio um cantor pop americano. Um lobo caçando trabalho, fugindo da miséria, do medo da fome. No balcão, o sanduíche espera esfriar e as entranhas reclamam. O sanduíche é pequeno, muito pequeno, pequeníssimo. Serão mais oito horas de viagem e o dia continuará parado. Na estrada, o tempo é espaço.

O primeiro pedaço é sempre o melhor, mas o sanduíche foi feito às pressas, com uma alface de três dias. E o estômago continua doendo, mistura de ansia e medo de gastar dinheiro. Dinheiro gasto na compra de livros e revistas que não dirão nada além do que já sabemos. Há uma guerra de classes no país, mas a ignorância dos que sabem e a arrogância dos ignorantes nos cegam. O sanduíche acaba antes de eu terminar esse parágrafo.



ROUXINOL  
DO RINARÉ



74  
CARTAS  
PORTÁTIL

## Água Fria na Ferrouira\*

O corpo do homem muda  
Quando a velhice aparece:  
A pele fica enrugada,  
Junta por junta endurece.  
E o que devia ser duro  
É o que mais amolece...

Mas seu Vidal, setentão,  
Disso não se convenceu.  
Com mente sã, jovial,  
Lembrando o que já viveu,  
Quando vê mocinha nova  
Esquece que envelheceu.

Certo dia, Vidal foi  
Passear pela cidade.  
E num ônibus circular,  
Sentiu o peso da idade,  
Quando na porta da frente  
Subiu com dificuldade.



E dentro do coletivo  
Com muito esforço chegou.  
No suporte da cadeira,  
Pra se apoiar, segurou.  
E num suspiro profundo  
Seu cansaço disfarçou.

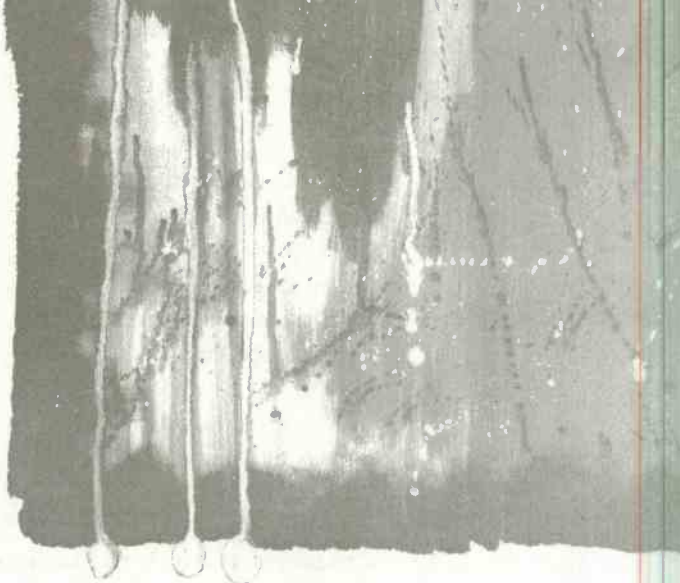
Tinha um ar de marinheiro,  
Desses de muitas viagens.  
No interior do carro,  
Seus olhos, em vadiagens,  
Cruzam com dois bem mais jovens,  
Sentindo instintos selvagens!

Ali, feito um caçador,  
Calmo, analisando a presa,  
Maroto, sorriu pra moça,  
Que, para sua surpresa,  
Retribuiu o sorriso.  
Vidal pensou: -Que beleza!

O velho então renasceu.  
Dobrou a respiração,  
Ficou com um brilho nos olhos,  
Cheio de imaginação.  
Sentiu seu sangue ferver,  
Bater forte o coração.

Mas antes que qualquer coisa  
Ele pudesse falar,  
Gentilmente a linda moça,  
Pensando entender o olhar,  
Pergunta ao velho assanhado:  
-O "vovozim" quer sentar?

## FRUIÇÃO DO CAOS



76 ANOS  
PORTATIL

### **Airton Monte** (Fortaleza-CE, 1949)

Médico-psiquiatra; cronista do jornal O Povo, mas essencialmente poeta e contista. Além de participar de várias antologias, publicou *O grande pânico* (1979); *Homem não Chora* (1981) e *Alba sanguínea* (1983).

### **Artur Eduardo Benevides** (Pacatuba-CE, 1923)

Formado em Direito e em Letras. É autor de 46 títulos, em Literatura, entre os quais dois de contos: *Caminho sem horizonte* (1958) e *A revolta do computador e outros contos de mistério* (2001). É membro da Academia Cearense de Letras e da Academia Cearense da Língua Portuguesa.

### **Ayla Andrade** (São Paulo-SP, 1977)

Assistente Social, editora do zine *Dama da Noite-Apontamentos sobre outros universos que não o seu*. Mantém o site [mmedrunkenbutterfly.multiply.com](http://mmedrunkenbutterfly.multiply.com). Lançou o cd de poesias + samplers *Gravidade do Som* (2004), com Uirá dos Reis.

### **Barros Pinho** (Teresina-PI, 1939)

Professor, poeta e contista. Reside há muitos anos no Ceará. Publicou além de títulos em poesia, o livro de contos *A viúva do vestido encarnado* (2002). É de várias academias, entre elas a Academia Cearense de Letras.

### **Batista de Lima** (Lavras da Mangabeira-CE, 1949)

Professor de Literatura, tem 9 livros publicados, entre poesia, contos e ensaios, com destaque para *Janeiro é um mês que não sossega* (contos, 2002). É membro da Academia Cearense de Letras e da Academia Cearense da Língua Portuguesa.

**Carmélia Aragão** (Sobral-CE, 1983)

Licenciada em Letras e mestranda em Literatura na UFC. Premiada em vários concursos literários na categoria Contos. Tem contos e crônicas publicadas em várias revistas e sítios brasileiros.

**Carlos d'Alge** (Chaves, Portugal, 1930)

Radicado no Ceará desde 1958. Formado em Direito e Letras, foi professor de Literatura Portuguesa. É membro da Academia Cearense de Letras e da Academia de Língua Portuguesa. Tem 8 títulos publicados, entre os quais *A mulher de passagem* (contos, 1993).

**Dimas Carvalho** (Acarau-CE, 1964)

Professor de Teoria da Literatura. Tem publicados livros de poemas e os de contos *Histórias de Zoologia Humana* (2000), *Fábulas Perversas* (2003) e *Pequenas Narrativas* (2006). Conquistou vários prêmios literários.

**Fernando Siqueira** (Fortaleza-Ce, 1960)

É médico e professor de Cirurgia do Curso de Medicina da Universidade Estadual do Ceará. Prêmio Osmundo Pontes de Literatura 2005, modalidade Contos, com o livro *O Tatuador de Palavras* (2006).

**Joana d'Arc** (Fortaleza-CE, 1982)

Cursa Letras na UFC. Tomou o conto por registro de memórias e impressões. Seu primeiro conto publicado foi "Reputação", na coletânea *Laboratório dois pontos* (2006), editada pelo Intituto Dragão do Mar.

**Jorge Pieiro** (Limoeiro do Norte-CE, 1961)

Produtor Cultural e mestre em literatura. Tem textos em prosa e em poesia publicados em antologias, revistas e suplementos literários do Brasil e do exterior. Publicou, entre outros, *Fragmentos de Panaplo* (1989) e *Caos Portátil* (1990).

**Léo Mackellene** (Fortaleza-CE, 1980)

É professor de Literatura. Ensaísta, poeta e músico. É autor do livro de poemas *O livro das sombras ou o livro dos mais pequenos silêncios*.

**Luciano Bonfim** (Crateús-CE, 1971)

Criador e editor da revista *famigerado - literatura e adjacências* [sítio: [www.famigerado.com](http://www.famigerado.com)]. Também poeta e teatrólogo, publicou duas coletâneas de poesia e uma de contos, *Dançando com sapatos que incomodam* (2002).

**Luís Marcus da Silva** (Fortaleza-CE, 1964)

Ficcionista autodidata, tem textos publicados em fanzines e suplementos alternativos. É membro do grupo literário Academia da Incerteza.

**Lustosa da Costa** (Cajazeiras-PB, 1938)

Na infância, viveu em Sobral-CE. Jornalista profissional, reside atualmente em Brasília. É formado em Direito. Possui cerca de vinte livros publicados. É autor do romance *Vida, paixão e morte de Etelvino Soares*, editado também em Portugal.

**Majela Colares** (Limoeiro do Norte-CE, 1964)

É graduado em Direito. Reside em Recife-PE desde 1992, cidade onde deu início a sua trajetória literária. Tem publicados vários livros de poesia e o de contos: *O Fantasma de Samoa* (2005). É membro do Conselho Editorial de Calibán - uma revista de cultura.

**Natércia Pontes** (Fortaleza-CE, 1980)

Reside atualmente no Rio de Janeiro, onde cursa Comunicação Social (Radialismo). Publicou o livro *Az Mulerez* (2004) e contos em jornais. Seus textos estão no blog [www.natercia.blogspot.com](http://www.natercia.blogspot.com)

**Nilze Costa e Silva** (Natal-RN, 1950)

Veio morar no Ceará ainda criança. É graduada em Administração de Empresas e especialista em Teoria da Literatura. Participou de várias antologias e é autora de sete títulos, entre eles o de contos *Viagem* (1981) e *Dilúvio* (1986).

**Onias Lopes** (Fortaleza, 1987)

Cursa Letras na UFC. Sentou em um banco do shopping Iguatemi e escreveu o texto aqui transcrito até o penúltimo parágrafo. Seu primeiro conto publicado foi "Creme de Alho" no caderno Jornal do Leitor do Jornal *O Povo*.

**Paulo Avelino** (Fortaleza-CE, 1962)

É formado em Direito e Letras e Mestre em Economia. Seu romance *Não se tropeça diante do rei*, ainda inédito, venceu o Prêmio Osmundo Pontes de Literatura (Academia Cearense de Letras), em 2004, e foi menção honrosa no Prêmio SESC de Literatura, categoria romance, em 2005.

**Paulo de Tarso Pardal** (Russas-CE, 1955)

É professor, ensaísta e músico. É Mestre em Literatura Brasileira. Atualmente é professor da rede particular de ensino. Tem publicados os livros de contos *Margem Oculta* (1995); *Difícil enganar os deuses* (1999) e *Do pitoco* (2006).

**Pedro Salgueiro** (Tamboril-CE, 1964)

Essencialmente contista, detentor de vários prêmios literários, tem editados *O Peso do Morto* (1995); *O Espantalho* (1996); *Brincar com Armas* (2000) e *Dos valores do inimigo* (2005). Participou de várias antologias. É um dos dez autores indicados pela Universidade Federal do Ceará para o seu vestibular.

**Possidônio Cachapa** (Évora, Portugal, 1965)

Licenciado em estudos portugueses e formado em TV. É autor de vários romances premiados. De contos, o livro *Segura-te ao meu peito em chamas* (2003). Recentemente, ganhou bolsa do governo português e viajou por todo o Brasil de dentro, que será cenário de seu próximo romance.

**Raymundo Netto** (Fortaleza-CE, 1967)

Graduado em Fisioterapia e especialista em Saúde Pública e Administração Hospitalar. É roteirista premiado de vídeo e de quadrinhos. Tem publicado *Um Conto no Passado - cadeiras na calçada* (2005).



**Ray Silveira** (Massapê-CE, 1944)

Exerce a medicina há 35 anos. Suas atividades na literatura convencional tiveram início com o advento da Internet, onde publicou mais de trinta livros eletrônicos. Tem, também, textos editados em numerosos sites sob a forma de Contos, Crônicas, Ensaio, Crítica e Poesia.

**Rouxinol do Rinaré** (Quixadá-CE, 1966)

É cordelista premiado, membro da Academia Brasileira de Cordel-ABC. Tem mais de 40 cordéis publicados pela Editora Tupynanquim. Participou de várias coletâneas, entre as quais a da Coletânea *Cordel Canta Patativa* (Fundação Demócrito Rocha), organizada por Gilmar de Carvalho.

**Urik Paiva** (Maranguape-CE, 1989)

É cronista, contista e poeta. Ainda inédito em livro.

**Vânia Vasconcelos** (Salvador-BA, 1961)

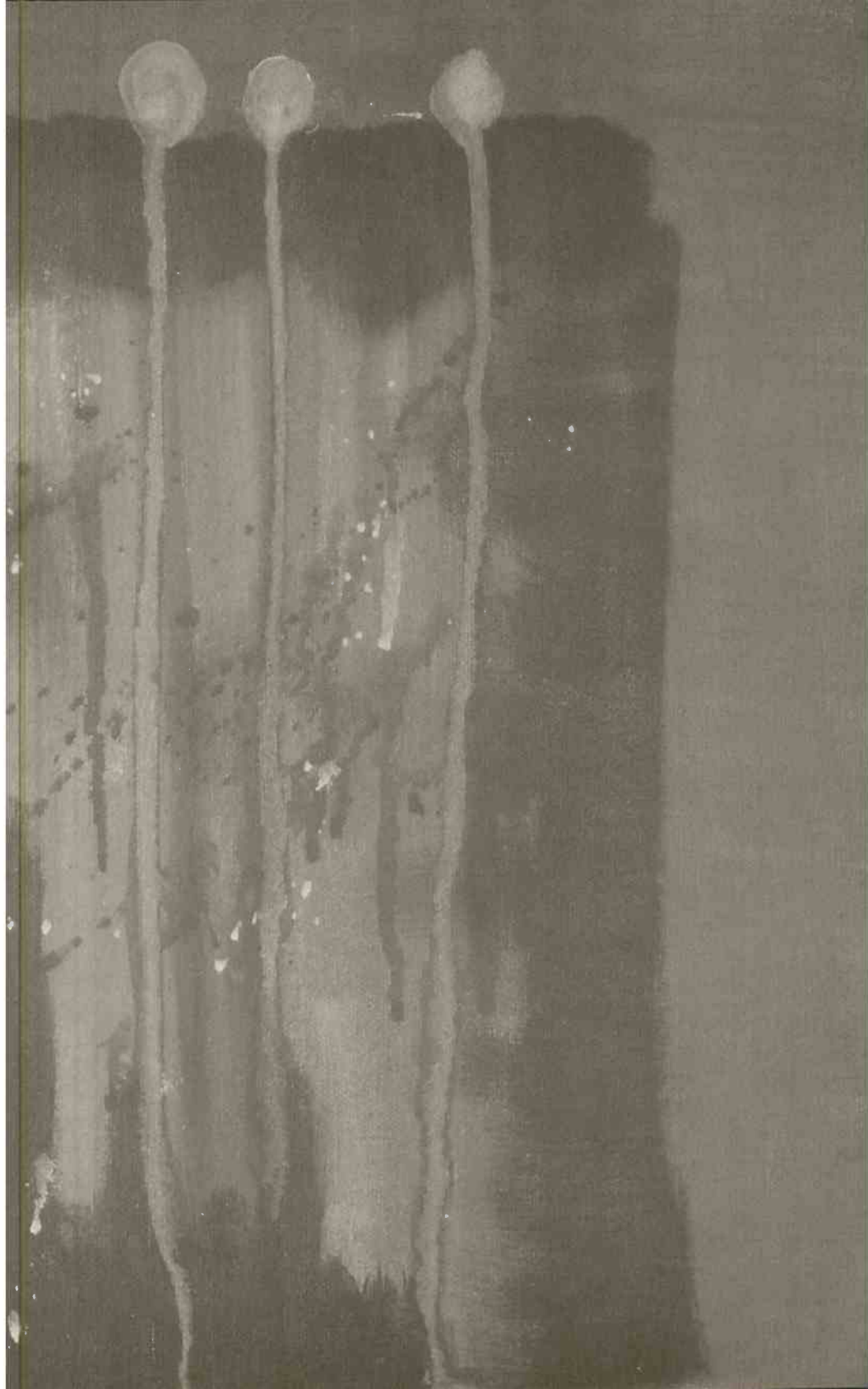
É professora de literatura e articulista eventual de jornais cearenses. Tem publicado o livro de crônicas *Mergulhos* (2003). Ganhou vários prêmios literários. Reside há vários anos em Fortaleza-CE.

**Virna Teixeira** (Fortaleza-CE, 1971)

Vive em São Paulo. Publicou os livros de poesia *Visita* (2000) e *Distância* (2005). Tem colaborado em várias revistas literárias como tradutora. Edita na internet o blog "Papel de Rascunho" (<http://papederascunho.net>)

O grito...

..silêncio se esvainc





PATROCÍNIO

**Banco do  
Nordeste**



*O nosso negócio é o desenvolvimento*